

OS PROFETAS MENORES

OSÉIAS, JOEL, AMÓS, OBADIAS, JONAS,
MIQUÉIAS, NAUM, HABACUQUE,
SOFONIAS, AGEU, ZACARIAS E MALAQUIAS



ENCONTRO
COM A PALAVRA

Os Profetas Menores: Panorama Geral

Com essa apostila iniciamos o estudo dos últimos doze profetas, denominados Profetas Menores. Eles foram assim denominados pela simples razão de seus livros serem menores que os livros proféticos estudados anteriormente. Pelo fato desses livros terem sido escritos depois dos livros dos profetas maiores, o autor do Livro de Hebreus referiu-se a eles como “os últimos profetas”. Para evitar que esses livros se perdessem, e devido a sua importância, os antigos escribas os mantinham compilados num único volume, intitulado “Os doze”.

Os doze livros históricos do Velho Testamento apresentam o contexto histórico no qual os profetas escreveram seus livros, viveram e pregaram. De acordo com o que já aprendemos com o estudo desses livros históricos do Velho Testamento, seria bom que você fizesse um quadro, localizando cada um dos profetas dentro da história do povo hebreu. Embora o estudo que estamos desenvolvendo não seja acadêmico, mas antes, um estudo devocional da Bíblia, é importante ressaltar sete acontecimentos da história dos hebreus que você deve ter em mente enquanto estuda esses profetas:

1. O Reino
2. O Reino Dividido
3. A Conquista do Reino do Norte pelos Assírios
4. A Extinção do Reino do Norte

5. O Cativo do Reino do Sul pelos Babilônios
6. A Conquista da Babilônia pelos Persas
7. O Retorno do Cativo Babilônico

CAPÍTULO 01

A Profecia de Oséias

A maioria de nós já ouviu dizer que Deus é amor; você já leu quantos livros que falam sobre esse assunto? O Livro de Oséias, dentro da biblioteca de Deus, é o livro inspirado, que fala do Seu amor. Oséias foi comissionado por Deus para ser o profeta que iria pregar para as dez tribos conhecidas como o Reino do Norte, ou simplesmente, Israel. Ele testemunhou sobre o amor de Deus quando todo o povo tinha se afastado de Deus e passado à prática da adoração aos ídolos.

A primeira verdade que aprendemos com o profeta Oséias é que quando Deus nos chama para uma grande obra, Ele também nos prepara para tal obra através de nossas próprias experiências de vida. Deus usa cada dia da nossa vida como uma preparação para a Sua obra.

Uma Alegoria Agonizante

O casamento de Oséias com a prostituta Gômer preparou-o para pregar sobre o amor de Deus a um povo infiel (1:2-3). Oséias fez de Gômer a mãe

de seus filhos e a amou como se ela fosse a mulher mais preciosa da face da terra. Depois de alguns anos, Gômer voltou para seus amantes e Deus orientou Oséias a recebê-la de volta e a continuar a amá-la (3:1). Deus permitiu tudo isso na vida de Oséias para que ele estivesse preparado para ensinar àquele povo sobre o amor incondicional de Deus.

Apesar de não merecer, Israel foi escolhido para ser o povo de Deus, assim como Gômer, mesmo sendo uma prostituta, foi escolhida por Oséias para ser sua esposa. O casamento de Oséias foi uma alegoria. Alegoria é o uso de uma circunstância na qual pessoas, lugares ou coisas assumem um significado mais profundo e para a qual se aplica um ensino moral ou espiritual. O significado alegórico do casamento de Oséias foi mostrar o amor incondicional de Deus por Israel.

A Pregação de Oséias

Quando Oséias, de maneira corajosa, pregou seus sermões tão importantes para o Reino do Norte, a idolatria e a imoralidade eram pecados crônicos na vida daquele povo. Por isso Oséias foi sincero e objetivo em sua pregação.

Para uma familiarização com o estilo de pregação do profeta Oséias, observemos esses trechos parafraseados de sua pregação: *“Depois de beberem seu vinho, os filhos de Israel saem à procura de mulheres.*

Amam mais a vergonha do que a honra... Vinho, mulheres e música fizeram meu povo perder a cabeça. É para um pedaço de madeira que eles oram pedindo orientação... São como um arco quebrado que nunca acerta o alvo. Plantam vento e colhem tempestade... Israel está destruída e é como um pote despedaçado entre as nações. A glória de Israel voou para longe como um pássaro”.

Israel foi o povo escolhido de Deus e por isso Oséias considerou a idolatria como um “*adultério espiritual*” contra Deus: “*Meu povo consulta o seu pedaço de madeira, e a sua vara lhe dá resposta; porque um espírito de prostituição os enganou, eles, prostituindo-se, abandonaram seu Deus*”.

“Todos eles são adúlteros: semelhantes ao forno acesso pelo padeiro, que somente cessa de atizar o fogo desde que sovou a massa até que seja levedada... preparam o coração como um forno, enquanto estão de espreita; toda a noite, dorme o seu furor, mas, pela manhã arde como labaredas de fogo. Efraim se mistura com os povos e é um pão que não foi virado”. Quando Oséias pregou: “*como é o povo, assim é o sacerdote*”, ele também gritou: “*castigá-lo-ei pelo seu procedimento e lhe darei o pago de suas obras*”.

Como consequência de sua idolatria, o povo seria levado cativo: “*Israel foi devorado; agora, está entre as nações como cousa de que ninguém se agrada,*

porque subiram à Assíria” (8:8-9). O cativoiro pelos assírios foi fatal para o Reino do Norte porque esse povo jamais retornaria para sua terra e seria novamente um reino. Os que sobrevivessem à conquista e ao cativoiro dos assírios seriam espalhados entre as nações gentílicas do mundo.

O Amor Incondicional de Deus

A promessa é que Israel passaria pelo cativoiro, mas por causa do amor, Deus, Ele o traria de volta para uma reconciliação: *“desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdia; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor” (2:19-20). Esse retorno espiritual de Israel, pregado por vários profetas, ainda não se cumpriu. Temos de esperar pelo final dos tempos para ver o cumprimento dessa profecia.*

Oséias foi objetivo quando pregou sobre o amor de Deus: *“eu não quero seus sacrifícios, quero seu amor; não quero suas ofertas, quero que vocês Me conheçam”*. Para que o povo tivesse um coração reto perante Deus, Oséias fez uma pregação semelhante à de Jeremias: *“Semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a misericórdia; arai o campo de pousio; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha, e chova a justiça sobre vós. Converte-te ao teu Deus, guarda o amor e o juízo e no teu Deus espera sempre” (10:12;12:6).*

Aplicação Pessoal

Ainda esperamos pelo cumprimento desse retorno espiritual de Israel para Deus. Mas nós não precisamos esperar nada para que aconteça o nosso retorno espiritual para o nosso Deus amoroso. O texto abaixo sintetiza a mensagem do livro de Oséias e serve de desafio para nossas vidas: *“Vinde, e tornemos para o Senhor, porque Ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias nos revigorará; ao terceiro dia nos levantará, e viveremos diante dele. Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva a sua vinda é certa; e Ele descera sobre nós como a chuva, como chuva serô-dia que rega a terra”* (6:1-3).

CAPÍTULO 02

A Profecia de Joel

Joel é o segundo dos doze Profetas Menores. Sua mensagem dá ênfase à expressão “O Dia do Senhor”, usada também por outros profetas menores. Joel chamou de “Dia do Senhor” uma terrível praga que devastou o Reino do Sul. Mas, ao mesmo tempo em que ele denomina essa praga de “O Dia do Senhor”, também a relaciona ao cativeiro babilônico que estava para acontecer. No livro de Joel observa-se, como nos profetas maiores, que ele também mescla profecias sobre o cativeiro babilônico com

profecias referentes à Segunda Vinda de Cristo.

Joel é um profeta muito conhecido por causa da sua profecia sobre o Dia do Pentecostes. Diante daquele acontecimento, aquelas pessoas que estavam presentes no dia do nascimento da igreja, perguntaram: “Que quer isso dizer?”. Naquele momento, Pedro começou o seu sermão do Dia do Pentecostes dizendo-lhes: *“o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel”* (Atos 2:12,16). O que Joel pregou é que o Dia do Senhor existiu, existe hoje e existirá sempre em nossas vidas.

A Praga dos Gafanhotos

Joel inicia seu livro descrevendo a praga de gafanhotos que invadiu o Reino do Sul: *“O que deixou o gafanhoto cortador, comeu-o o gafanhoto migrador; o que deixou o migrador, comeu-o o gafanhoto devorador; o que deixou o devorador, comeu-o o gafanhoto destruidor”* (1:4). Essa praga varreu toda a terra, matou toda a vegetação e deixou uma grande devastação.

Quando Joel se referiu à praga dos gafanhotos como “O dia do Senhor”, ele estava se referindo a um acontecimento real, do qual ele tinha conhecimento. Mas, que mensagem ele quis exatamente trazer, quando, se referiu ao “Dia do Senhor”? Ao considerar a praga como sendo uma catástrofe vinda do Senhor, ele estava dizendo que Deus é

soberano, mesmo no meio das calamidades pelas quais passamos. Joel junta-se a outros escritores bíblicos quando afirma que Deus está por trás tanto da adversidade como da prosperidade. É provável que, por causa dessa invasão de gafanhotos, o povo acreditasse que Deus o havia abandonado. Mas Joel declara que Deus estava presente naquela circunstância. Isso significa que, muitas vezes, um dia de calamidade pode ser um “Dia do Senhor” para aqueles que O amam e que são chamados de acordo com o Seu propósito (Romanos 8:28).

O Cativoiro Babilônico

Um bando de gafanhotos organizados como um exército, todos trabalhando em equipe para destruir tudo o que aparecesse pelo caminho. Joel ilustrou sua profecia com uma destruição causada por um “exército de gafanhotos”, a fim de chamar a atenção do povo de Judá, e prepará-lo para a devastação que seria a invasão dos exércitos babilônicos: *“Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros; e cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira. Assaltam a cidade, correm pelos muros, sobem às casas; pelas janelas entram como ladrão”* (2:7,9).

O Dia do Pentecostes

Depois que Joel proclamou a praga dos gafanhotos como o “Dia do Senhor” daqueles dias, e o cativoiro

babilônico como um futuro “Dia do Senhor”, ele começou a falar sobre outro “Dia do Senhor”, o Dia do Pentecostes: *“E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões”* (2:28).

Essa profecia foi parcialmente cumprida no dia do Pentecostes. Em Atos 2:1-4, lemos que naquele dia o Espírito Santo desceu sobre aqueles que estavam reunidos e que quando o povo viu o derramar de línguas de fogo sobre as cabeças dos apóstolos e os ouvia falar em suas próprias línguas, também ouviram o barulho de “um vento impetuoso” e perguntaram: “que quer isto dizer?”. E Pedro respondeu: *“o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel”* (Atos 2:16).

A Segunda Vinda de Cristo

Através dessa profecia de Joel a respeito do Dia do Pentecostes, Deus faz revelações sobre o “Dia do Senhor”, que não aconteceram no dia do Pentecostes: *“mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque, no monte Sião em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o Senhor prometeu; e entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar”* (2:30–32).

Joel profetiza o Dia do Pentecostes com muita clareza, e se estudarmos essa profecia cuidadosamente, veremos que realmente existe previsão de acontecimentos que não foram cumpridos naquele Dia. Um dos estudiosos dos Profetas Menores afirmou que essa profecia de Joel foi cumprida parcialmente no Dia do Pentecostes, e que o seu total cumprimento acontecerá na Segunda Vinda de Jesus Cristo.

O cumprimento literal das profecias de Joel, assim como de todos os outros profetas, sobre a conquista da Babilônia e sobre o Dia do Pentecostes, encorajam-nos a esperar empolgados pelo cumprimento literal de todas as profecias referentes à Segunda Vinda de Cristo.

Pedro se referiu ao futuro “Dia do Senhor” como “O Grande e Terrível Dia do Senhor”. Quando ele escreveu sobre esse dia, ressaltou apenas alguns eventos da Segunda Vinda de Cristo. De acordo com Pedro, quando esse dia chegar *“os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas”* (II Pedro 3).

Aplicação Pessoal

Joel não pregou apenas sobre o “Dia do Senhor” dos seus dias e sobre o futuro “Dia do Senhor”. Ele nos exortou, como povo de Deus, a que anunciemos o “Dia do Senhor” aos nossos filhos e às futu-

ras gerações (1:2-3). Ele também ensinou que cada dia do passado, do presente e do futuro deve ser considerado como o “Dia do Senhor”. A confiança no amor de Deus e no cuidado que Ele teve com seu povo no passado nos dá condições de confiarmos no que Ele está fazendo na nossa vida hoje (cf. Romanos 8:28).

Existe um propósito de Deus em que saibamos sobre o Grande e Terrível Dia do Senhor no futuro e este propósito é que reflitamos sobre o tipo de pessoa que devemos ser. Preste atenção no ensino de Pedro quando ele anuncia o “Dia do Senhor”: *“por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor”* (II Pedro 3:14-15a).

Tanto Joel como os outros profetas e Pedro, todos, fazem a mesma aplicação: nos desafiam a que, como seguidores de Cristo, vivamos de modo santo e irrepreensível, e não percamos a expectativa da vinda do “Dia do Senhor”.

CAPÍTULO 03

A Profecia de Amós

Amós era catador de figos e pastor e morava na pequena cidade de Tecoá, cerca de vinte quilômetros ao sul de Jerusalém. Deus o chamou do Reino do Sul para pregar para o Reino do Norte, cinquenta anos antes do cativeiro assírio. Segundo informações, Amós ministrou durante o reinado do Rei Uzias, do Reino do Sul, que conduziu a nação de Judá em prosperidade, tanto em questões militares, como materiais. O povo não acreditava que houvesse algum perigo ou ameaça para Judá. O ministério de Amós seria pregar para a nação de Judá, e também para Israel, o Reino do Norte.

O Julgamento de Deus Está Chegando

Amós começou sua pregação falando o que os cidadãos do Reino do Norte queriam ouvir. Ele falou que Deus julgaria os seus inimigos (1:3;2:3). À medida que Amós pregava, citava as nações inimigas e o tipo de julgamento que viria sobre elas, o povo se alegrava. Era o que eles queriam ouvir: Deus iria punir aqueles que eles odiavam. Mas depois que Amós atraiu a atenção do povo com esse tipo de sermão, começaram a chegar as más notícias: as nações de Judá e de Israel também seriam julgadas (2:4-8). Amós culpou Judá por rejeitar a lei do Senhor e não observar os Seus Estatutos e culpou

Israel pela sua cobiça, injustiça social e pela imoralidade que profanou o nome do Senhor.

Amós deu continuidade à palavra contra Israel profetizando o cativoiro assírio: *“De nada valerá a fuga ao ágil, o forte não usará a sua força, nem o valente salvará a sua vida. O que maneja o arco não resistirá, nem o ligeiro de pés se livrará, nem tampouco o que vai montado a cavalo salvará a sua vida. E o mais corajoso entre os valentes fugirá nu naquele dia, disse o Senhor”* (2:14-16).

O Reino do Norte escarneceu dessa mensagem. Israel vivia um período de prosperidade e seu exército superaria tudo aquilo que Amós estava pregando. Mas, depois de cinquenta anos, o Reino do Norte, Israel, foi derrotado e todo o seu povo foi levado cativo pelo exército assírio.

Deus tentou deter o cativoiro assírio oferecendo a Israel oportunidades de arrependimento (4:6-13). Deus enviou fome, seca, ventanias, pragas e pestilências, mas não houve conversão, confirmando o que Deus mesmo falara através do profeta: *“contudo, não vos convertestes a mim, disse o Senhor”* (4:8-11). Em razão de Israel não ter atendido o chamado de Deus ao arrependimento, Amós profetizou o julgamento divino sobre aquele povo; um julgamento que seria permanente. Israel jamais retornaria do cativoiro assírio.

Amós previu o julgamento de Deus contra Israel através de cinco visões. Os julgamentos descritos nas duas primeiras visões, representados pela praga de gafanhotos e por um fogo consumidor, foram detidos pela intercessão do profeta. Amós rogou pela misericórdia de Deus em favor daquele povo (7:1-6). A terceira visão, um prumo e um muro, mostrava as razões que Deus tinha para estar irado com Seu povo. Israel não era reto para com Deus. Vivia por caminhos “tortos” e rejeitava a Lei de Deus, o que provocou a ira do Senhor.

A quarta visão, de um cesto com frutas maduras, indicava que o tempo do julgamento do Senhor era iminente. Por fim, quando Amós teve a quinta visão do julgamento de Deus, ficou no altar e clamou: “Fere os capitéis, e estremecerão os umbrais, e faze tudo em pedaços sobre a cabeça de todos eles; matarei à espada até ao último deles; nenhum deles fugirá, e nenhum escapará” (9:1). Nessa visão Deus mostrou que Seu julgamento sobre Israel seria definitivo. Ninguém escaparia; ninguém seria poupado. O castigo de Deus era iminente.

A Vantagem Espiritual Aumenta a Responsabilidade

Amós não excluiu Judá nem Israel do julgamento que Deus traria sobre as nações. Ao contrário disso, ele pregou que o julgamento dessas duas nações seria mais severo do que o das nações pagãs.

As consequências de seus pecados eram mais severas porque estavam em vantagem espiritual; pois tendo conhecimento da Palavra de Deus, agiam como se não o tivessem; não viviam de acordo com os Seus estatutos e mandamentos. Segundo Amós, a responsabilidade espiritual é diretamente proporcional ao conhecimento das verdades espirituais. Essa vantagem espiritual deve influenciar positivamente nosso modo de vida.

O que fazemos com o que sabemos é mais importante do que o próprio saber. É importante ter em mente isso: que o agir de acordo com o que sabemos é mais importante do que adquirir mais conhecimento. Enquanto o mundo supervaloriza a aquisição de conhecimento, a mensagem dos profetas ensina que é de mais valor à prática do conhecimento e da sabedoria.

Promessa de Restauração

Amós, como os outros profetas, também anuncia que em dias futuros o povo de Israel seria restaurado: *“Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi, repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome, diz o Senhor, que faz todas as cousas”* (9:11-12).

Essa profecia fala do retorno espiritual de Israel para o seu Deus. Em nossos dias, temos sido tes-

temunhas da restauração política de Israel e também do retorno dos judeus que estavam espalhados por todo o mundo para a sua pátria. Ainda não vimos cumprindo o retorno espiritual, mas aguardamos o cumprimento dessa profecia.

CAPÍTULO 04

A Profecia de Obadias

“Assim diz o Senhor Deus a respeito de Edom: Eis que te fiz pequeno entre as nações; tu és mui desprezado. A soberba do teu coração te enganou, ó tu que habitas nas fendas das rochas, na tua alta morada, e dizes no teu coração: Quem me deitará por terra? Se te remontares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derribarei, diz o Senhor” (Obadias 1: 2–4).

Assim tem início o livro de Obadias. Mas, o que Obadias quis dizer, quando se referiu a um povo orgulhoso, que vivia nas encostas de um monte e achava que ninguém o derrubaria do seu ninho? Para alguns estudiosos da Bíblia, esse livro é um alerta para os dias atuais; para aqueles que vivem à procura de vida em outros planetas. Há algumas décadas alguns estudiosos deram uma interpretação para esses versículos, dizendo que Deus não quer que moremos em prédios altos. Também

no século passado esse texto foi interpretado com o seguinte sentido: “Se nos tornarmos orgulhosos com relação à ciência e à tecnologia, procurando tipos de vida em outros planetas, Deus nos humilhará e seremos trazidos de volta para terra”.

Mas, quando Obadias escreveu essa profecia, não estava se referindo a prédios altos, nem ao espaço interplanetário. Ele estava imbuído de ira santa e proferiu essas profecias breves contra um povo hostil, que cometera grande crueldade contra o povo de Judá por ocasião da conquista de Jerusalém pelos babilônios.

O Caminho de Edom é Condenado

Deus, através de Obadias, condenou uma nação chamada “Edom”. Esse povo vivia numa região situada na Jordânia, hoje conhecida como “Petra – A Cidade Rosa Vermelha”. Essa região é formada por encostas de formação rochosa avermelhada; possui dos dois lados cavernas de até duzentos metros de altura, e um “canyon” que pode ser atravessado a cavalo. Esses grandes espaços na rocha foram, um dia, a cidade desse povo sobre o qual Obadias escreveu.

Depois de atacar e saquear cidades de seus inimigos ou caravanas de mercadores ricos, esse povo escalava rochas por meio de escadas de cordas e escondia-se nas cavernas, escapando dos seus

inimigos. Essas habitações altas fizeram dele um povo indestrutível por muito tempo. Foi por isso que Obadias escreveu: *“A soberba do teu coração te enganou...e dizes no teu coração: ‘Quem me deitará por terra?’”* (3).

Quem era exatamente esse povo? Os edomitas eram descendentes de Esaú, irmão de Jacó. O Livro de Gênesis conta que Jacó e Esaú eram gêmeos, mas tinham valores opostos e estilos de vida bem diferentes. Enquanto Jacó, apesar de ter sido usurpador, representa o homem espiritual, Esaú é o profano, que não dá importância às coisas espirituais. Hoje ele seria chamado de um “homem secular”. Isso está registrado no livro de Gênesis, na história de Esaú, quando, por um prato de lentilha, ele vendeu seu direito de primogenitura para seu irmão Jacó.

Enquanto os descendentes de Jacó, que depois recebeu o nome de Israel, deram origem ao povo judeu, Esaú tornou-se o pai de Edom, nação inimiga dos judeus. O povo de Edom era anti-semita e estava sempre à procura de oportunidades a fim de se aliar a outras nações, com o objetivo de eliminar os judeus.

A profecia de Obadias prevê a queda de Edom, queda essa que seria uma consequência do seu ódio e da sua perseguição contra os judeus. Obadias esbravejou oito acusações específicas contra

Edom: *“Não deverias ter olhado com prazer para o dia de teu irmão...te alegrado sobre os filhos de Judá no dia da sua ruína...nem ter falado de boca cheia no dia da sua angústia...não deverias ter entrado pela porta do meu povo no dia da sua calamidade...olhando com prazer para o seu mal, lançado mão dos seus bens...parado nas encruzilhadas para exterminares os que escapassem; nem ter entregado os que lhe restassem...”* (12-14). *“Porque o Dia do Senhor está prestes a vir sobre todas as nações; como tu fizeste, assim se fará contigo; o teu malfeito tornará sobre a tua cabeça”* (15).

Estudiosos acreditam que nessa profecia Obadias estava condenando o comportamento de Edom contra Judá, durante a queda de Jerusalém, fato que ocorreu sob o reinado de Zedequias, quando esta cidade foi destruída e seu povo foi assassinado, ou levado cativo. O povo de Edom não só assistiu à tomada de Jerusalém pelos babilônios como ajudou a saquear a cidade. Esse povo ainda capturava e entregava aos babilônios os judeus que conseguiam escapar do horror do cativeiro.

Obadias apregoa o castigo contra Edom, e une-se aos demais profetas na pregação do Dia do Senhor. Ele pregou ao povo de Edom: *“como tu fizeste, assim se fará contigo”* (15).

O Dia do Senhor para Edom aconteceu quando essa profecia se cumpriu e Edom foi totalmente

varrida da face da terra. Obadias previu com exatidão qual seria o instrumento de destruição desse povo. Os seus próprios aliados se voltariam contra Edom e não sobraria nada dessa nação: *“A casa de Jacó será fogo, e a casa de José, chama; e a casa de Esaú, restolho; aqueles incendiarão a este e o consumirão; e ninguém mais restará da casa de Esaú, porque o Senhor o falou”* (18). Essa profecia foi cumprida ao pé da letra. A nação de Edom desapareceu das páginas da história e foi completamente aniquilada pelos Romanos no ano de 70 d.C.

Aplicação Pessoal

Em toda a Bíblia vemos que o homem temente a Deus é comparado com aquele que não O teme (cf. Salmo 1, Mateus 7:13-27; I Coríntios 2:14-16). O que se conhece da história de Jacó e Esaú, registrada no livro de Gênesis, e também o comentário que o apóstolo Paulo faz a respeito dessa história, faz-nos compreender que a profecia de Obadias também compara o homem espiritual com o homem natural (cf. Gênesis 25:29-34; e cap. 27; Romanos 9:10,11). Nessa analogia, Jacó é uma figura do homem espiritual, que de coração sincero busca a Deus, os Seus valores e Suas bênçãos espirituais.

Outro exemplo de Jacó também está registrado no Livro de Gênesis, quando Jacó “lutou” com Deus, e seu nome foi trocado para Israel: *“Já não te chamarás Jacó e sim Israel, pois como príncipe lutas-*

te com Deus e com os homens e prevaleceste” (Gênesis 32:28). Por outro lado, Esaú é uma figura do homem natural, do homem que não teme a Deus. Quando Esaú vendeu a Jacó, por um prato de lentilha, o seu direito de primogenitura (a herança do filho mais velho), revelou imaturidade e como seus valores e suas prioridades eram distorcidos. Não é algo estranho e surpreendente ver como os valores de “Esaú” influenciaram “Edom” a ser uma nação tão hostil ao povo de Deus, aos valores espirituais e aos propósitos divinos.

Quando pela primeira vez esses personagens, Jacó e Esaú, foram mencionados na Bíblia, estavam juntos no ventre de sua mãe Rebeca. Uma das aplicações que podemos fazer desse episódio é que, cada um de nós tem, em potencial, características das personalidades de Esaú e Jacó.

Paulo traça esses dois perfis de maneira brilhante na sua carta aos Gálatas. Ele afirma que o Espírito e a carne guerreiam entre si porque são opostos. Quando Paulo usa o termo “carne”, ele quer dizer “nossa natureza humana, que não foi tratada por Deus”. O Espírito Santo nos fornece o potencial para sermos espirituais como Jacó. Quando Ele vem habitar dentro de nós, a nossa carne, ou a nossa natureza humana, não é retirada. Mas alguém, que nos torna espirituais, é acrescentado à nossa carne ou natureza humana. Isso faz com que tenhamos dois potenciais: o de Jacó e o de

Esaú. Essa profecia tão dinâmica de Obadias deixa para cada um de nós uma pergunta e um importante desafio: qual desses dois potenciais você vai cultivar? O de Esaú ou o de Jacó?

CAPÍTULO 05

A Profecia de Jonas

O Livro de Jonas fala desse profeta que recebeu o chamado de Deus para pregar arrependimento e salvação aos inimigos do seu povo. Jonas conhecia o caráter de Deus e sabia que se ele atendesse ao Seu chamado e fosse e pregasse, seus inimigos seriam salvos. Foi o conhecimento do amor incondicional de Deus que fez com que Jonas decidisse não ir para Nínive. E como ele não foi para Nínive, não atendeu ao “vir a Deus”. Ele tentou fugir da presença de Deus e embarcou num navio com destino oposto a Nínive e o mais distante possível dessa cidade (cf. Jonas 1:3; 4:2,3).

A cidade de Nínive era a capital do pior inimigo do povo judeu: a Assíria. A crueldade dos assírios naquele tempo não podia ser comparada à de nenhum outro povo. Provavelmente, Jonas tinha razões para odiar o povo que vivia na cidade de Nínive. Para se ter uma ideia do que esse chamado significou, imaginemos Deus chamando um judeu,

no início dos anos 40 para ir a Berlim, na Alemanha, onde estava sendo planejada a morte de todos os judeus do mundo, e pregar o julgamento de Deus sobre aquela cidade, caso ela não se arrependesse de seus pecados. Será que esse judeu não fugiria dessa missão?

Jonas Não Foi a Deus e Não Foi Por Deus (Capítulo 1)

Os profetas do Velho Testamento e todo homem temente a Deus, em geral, obedecem a um determinado padrão no seu relacionamento com Deus. Já mencionamos esse padrão quando estudamos o profeta Isaías. Essas pessoas passaram por experiências marcantes no seu encontro com Deus, no seu “vir a Deus” e essas experiências resultaram num “ir por Deus”. A história de Jonas com Deus mostra o inverso desse padrão. Lemos no primeiro capítulo dessa breve profecia que quando Deus comissionou Jonas para ir a Nínive, ele se recusou a obedecer e com isso demonstrou crer nessas duas dimensões de que falamos: “vir a Deus” e “ir por Deus”. Jonas sabia que tinha recebido de Deus a missão de ir a Nínive, porque já tinha tido uma experiência de “ir a Deus”. E como ele não iria ou não queria ir por Deus a Nínive, conseqüentemente também não queria mais “conversa com Deus”, não queria “ir a Deus” outra vez.

Quando Jonas recebeu o chamado, tentou se esconder de Deus e embarcou num navio. Ele foi parar no porão desse navio, e caiu em sono profundo (cf. 1:5). A Bíblia diz que Deus enviou uma forte tempestade que quase afundou o navio. Enquanto os marinheiros, aterrorizados, oravam a seus deuses, Jonas, dormindo, tentava fugir dos seus problemas. Ele tentava fugir de Nínive, de Deus e de seus problemas.

Quando Jonas foi interpelado pelo capitão do navio por estar dormindo no meio da tempestade, reconheceu que o seu Deus, o Deus que fez o mar, esse Deus estava bravo com ele. Deus havia enviado aquela tempestade por causa da desobediência de Jonas; por causa da sua recusa de ir a Nínive (9-10). Jonas fez saber ao capitão do navio o motivo da tempestade, e que a única maneira de acalmar a ira do seu Deus, seria jogando-o ao mar, o que os marinheiros fizeram, mesmo relutantes (15). Imediatamente após Jonas ser jogado para fora do navio, o mar enfurecido se acalmou.

Quando os marinheiros pagãos viram isso, temeram a Deus. Mesmo em tal circunstância, Jonas fugindo de Deus e da vontade divina para sua vida, ele foi usado por Deus para trazer fé àqueles marinheiros. É o que diz a Palavra de Deus: *“Temeram, pois, estes homens em extremo ao Senhor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos”* (1:16). Também lemos que Deus preparou um grande pei-

xe que engoliu Jonas, e esse profeta ficou durante três dias dentro da barriga do peixe. O livro de Jonas não registra que esse grande peixe tenha sido uma baleia. Esse grande peixe foi preparado sobrenaturalmente por Deus para engolir o profeta rebelde.

Jonas vai até Deus (Capítulo 2)

Um ensino importante que podemos tirar do Livro de Jonas é que Deus não nos força a fazer coisa alguma, Ele permite que exerçamos nossa vontade diante de decisões que se nos apresentam. Ele pode até fazer uma “pressãozinha” através de circunstâncias do peso de um elefante, até que reconheçamos que a única coisa sensata a fazer é obedecer à Sua vontade. O título do primeiro capítulo de Jonas poderia ser: “Eu não vou!”; e do segundo capítulo: “Eu vou!”.

Foram necessários três dias dentro da barriga de um peixe para que Jonas se arrependesse de fugir ao chamado de Deus. Arreponder-se significa “pensar outra vez” ou “mudar de ideia, mudar a vontade do coração, mudar de direção”. Lemos no capítulo dois que, dentro da barriga do peixe, Jonas se arrependeu sinceramente. De lá, ele orou a Deus. De dentro do peixe ele foi se lembrando de todos os textos das Escrituras que conhecia. E na sua oração ele citou ou fez referência a mais de sessenta versículos das Escrituras, desde Jó e Lamentações até I Sa-

muel, Jeremias, I Reis e muitos versículos dos Salmos. Isso significa que sua mente estava impregnada das Escrituras e que, dentro do peixe, ele foi se lembrando de todos os hinos que estavam guardados em sua memória. O destaque dessa oração de Jonas é o seu arrependimento. Jonas começou com um “eu não vou!” e acabou repetindo três vezes: “eu vou!”. Ele disse a Deus: *“tornarei, porventura, a ver o teu santo templo?”* (4); e *“Oferecerei sacrifício”* (9); e mais: *“o que votei pagarei”* (9). Como resultado do arrependimento de Jonas, Deus ordenou que o peixe vomitasse Jonas na terra.

O Ide de Jonas (Capítulo 3)

No capítulo 3 lemos: *“Veio a palavra do Senhor, segunda vez, a Jonas”* (1). Por causa da paciência de Deus, Jonas ouve, pela segunda vez, o mesmo chamado: *“Dispõe-te, vai à cidade de Nínive e proclama contra ela a mensagem que eu te digo”* (2).

Dessa vez, Jonas não fugiu; desta vez ele obedeceu ao chamado e foi para Nínive. Ele pregou a mensagem do julgamento de Deus proclamando: *“Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”* (4). A cidade inteira se converteu. Até o rei creu em Deus (5,6). E porque a cidade se arrependeu *“Deus se arrependeu do mal que tinha dito que lhes faria e não o fez”* (10). Quando Jonas finalmente disse: “Eu vou”, aconteceu a maior cruzada evangelística de toda a história de Deus para com o homem.

O Vinde a Deus de Jonas e o seu Ide Por Deus (capítulo 4)

Encontramos a mensagem central do Livro de Jonas no último capítulo, onde está a reação de Jonas ao arrependimento de Nínive. Jonas deveria ter ficado eufórico com a conversão a Deus de toda a cidade, mas ele não ficou. Na verdade, ele ficou decepcionado. Mais do que isso, ele ficou com tanta raiva que preferiria morrer a ver Deus salvar a população de Nínive. E ele diz isso para Deus! Ao invés de louvar ao Senhor, ele diz: *“Ah! Senhor! Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e que te arrependes do mal. Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver”* (2,3). Em outras palavras: *“Prefiro morrer a ver o Senhor salvar esse povo!”*

Um Profeta Preconceituoso

O que estava acontecendo com Jonas? A resposta é que Jonas odiava o povo de Nínive e foi o seu preconceito que o impediu de reagir com louvor a Deus pelo milagre que ele tinha presenciado na capital do Império Assírio. Seu preconceito é constatado no início do capítulo quatro, com sua confissão de que tinha fugido da presença de Deus e do seu chamado porque sabia que Deus era um Deus amoroso que salvaria a cidade de Nínive, se ele fosse obediente e

atendesse ao chamado para ir lá e pregar.

Em resposta a toda essa raiva, Deus ensinou uma boa lição a Jonas. Jonas cerrava os dentes de tanta raiva por Deus haver salvado seus inimigos, e se recolheu num alambrado, localizado num monte ao redor de Nínive. Ele ainda acreditava, ou pelo menos esperava, que Deus destruiria aquela cidade ímpia. O sol escaldante estava queimando Jonas. Então o Senhor fez nascer uma planta com folhas que o protegeu do sol. Jonas se agradou muito disso, mas logo depois Deus enviou um verme que destruiu a planta. Isso fez com que Jonas tivesse outro acesso de raiva.

Deus então disse a Jonas: “Tens compaixão da planta que não te custou trabalho, a qual não fizeste crescer, que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei eu de ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?” (4:11). Os estudiosos acreditam que essas pessoas eram crianças em Nínive, que ainda eram inocentes. O mais importante dessa verdade bíblica que devemos reter é que Deus estava confrontando os valores e as prioridades de um profeta muito preconceituoso.

O Obstáculo

Talvez você esteja lembrado de que, quando estudamos os profetas, falamos que uma das funções do profeta era remover o obstáculo que bloqueava a obra de Deus no mundo. No Livro de Jonas, o obstáculo que estava impedindo que acontecesse a obra milagrosa de Deus em Nínive era o preconceito do profeta Jonas.

Como aprendemos com Oséias, o amor de Deus é incondicional e não é baseado no comportamento positivo ou negativo da pessoa. Mas, pode Deus usar um profeta para proclamar o Seu amor quando Ele ama uma pessoa e o profeta a odeia?

Aplicação Pessoal

Você consegue se ver nessa história? Será que você não está fugindo do chamado de Deus para sua vida? O que será que precisa acontecer para que você deseje obedecer a Deus? Aprenda com a vida de Jonas, o profeta que inicialmente não quis ir para Nínive nem para Deus.

Deus usa certas circunstâncias da nossa vida para que desejemos segui-Lo. Observe como esse livro tão pequeno é repleto de referências sobre a providência de Deus: o Senhor manda uma grande tempestade, prepara um grande peixe, faz a planta crescer e manda um verme que mata a planta. Você percebe Deus trabalhando também nas cir-

cunstâncias da sua vida?

É interessante notar como o fato de Jonas ter escrito esse livro o faz parecer muito ingênuo ou até mesmo meio bobo. Jonas escreveu sobre o capítulo mais importante de sua vida e ministrou como profeta de Deus. Ele contou sua história humilhando-se porque, na cidade de Nínive, ele compreendeu o amor incondicional de Deus pelo ímpio e o preconceito do seu próprio coração, que o impedia de expressar e manifestar esse amor.

Jonas, no seu livro confessa sua própria fraqueza, e essa confissão é fruto de um coração sincero. Basicamente, ele está dizendo: “quando eu estava em Nínive, não tinha o amor ágape pelas pessoas, mas Deus tinha e Ele estava comigo. Descobri que, por mim mesmo, não poderia amar o povo de Nínive, mas Deus podia e Ele estava comigo. Eu não queria amar aquele povo, mas Deus queria e Ele estava comigo. Eu não amava o povo de Nínive, mas Deus o amou através de mim porque Ele estava comigo”.

Será que Deus não quer, através de você, manifestar Seu amor por algum pecador incrédulo, mas o seu preconceito e desprezo pelas pessoas estão impedindo que isso aconteça? Será que você consegue reconhecer os seus preconceitos e confessar, de maneira clara e transparente, como o profeta fez, algum tipo de discriminação seu coração?

CAPÍTULO 06

A Profecia de Miquéias

O Livro de Miquéias contém três importantes sermões desse profeta. Ele nasceu e cresceu na zona rural, mas foi chamado por Deus para pregar em Samaria, capital do Reino do Norte, e em Jerusalém, capital do Reino do Sul, e para proclamar a palavra de Deus para os líderes políticos desses reinos. Como outros profetas, Miquéias também atribuiu a culpa da corrupção moral e espiritual do povo de Deus aos líderes desses dois reinos.

O Primeiro Sermão de Miquéias (1:3-5)

O primeiro dos três sermões de Miquéias foi dirigido a todos os povos da terra como um convite para que testemunhassem o castigo dos Reinos de Norte e do Sul, Israel e Judá respectivamente. Deus preparou um castigo para o Seu povo, que tinha preferido não seguir os caminhos do Senhor: “Eis que projeto mal contra essa família, do qual não tirareis a vossa própria cerviz, e não andareis altivamente, porque o tempo será mal” (2:3). Esse versículo certamente se refere às conquistas babilônicas e assírias e aos cativos que se seguiriam. Através desses cativos, Deus castigaria Israel e Judá e esse castigo manifestaria a santidade de Deus e a Sua intolerância com o pecado, bem como o Seu amor de Pai fiel para com Seus filhos, mesmo que sejam rebeldes.

O castigo que Deus enviaria sobre Seu povo por causa da idolatria, da imoralidade e do declínio espiritual, seria uma demonstração para todo o mundo de que Deus quer um comportamento puro dos seus filhos. Segundo Miquéias, a glória de Deus também se revelará através da restauração final do Seu povo, anunciada na última parte do seu primeiro sermão: *“Certamente, te juntarei todo, ó Jacó, certamente, congregarei o restante de Israel”* (2:12).

O Segundo Sermão de Miquéias (3:1-5:15)

O segundo sermão de Miquéias foi dirigido aos três níveis do governo estabelecido por Deus: aos sacerdotes, aos profetas e aos líderes políticos. A função básica do sacerdote era ensinar; a do profeta, exortar o povo a obedecer às leis e os mandamentos; e ao líder político cabia aplicar as leis morais de Deus. Nos dias de Miquéias, o obstáculo que impedia a obra de Deus era que os três níveis de liderança da estrutura governamental montada por Deus estavam corrompidos.

Ao invés de ensinar ao povo e cumprir a lei de Deus, os sacerdotes preferiam *“ganhar para ensinar”* ou *“ensinar por interesse”* (3:11). Eles estavam transformando o chamado sacerdotal numa profissão e a preocupação básica deles era o ganho. Uma das preocupações de Miquéias era a secularização do sacerdócio. O fato de ensinarem por dinheiro fez deles profissionais apóstatas.

Da mesma forma, os profetas comprometiam os seus chamados quando preferiam “adivinhar por dinheiro” (11). Além de terem transformado o chamado de profeta numa profissão, também o transformaram em feitiçaria. Eles pregavam seus próprios sonhos, e não as revelações proféticas, e usavam a sua reputação para ganhar dinheiro. Dependendo de quanto fosse o pagamento, eles profetizavam coisas boas ou coisas más para vida da pessoa.

O terceiro nível de governo exercido pelos líderes civis também estava corrompido. “...dão as sentenças por suborno” (11). De acordo com o dinheiro que recebiam, davam parecer favorável ou desfavorável para aquele que estivesse lhe pagando. A corrupção entre líderes políticos e civis sempre esteve presente em todo o mundo.

Para Miquéias, quando os sacerdotes ensinavam por interesse, o povo era confundido porque deixava de aprender a sã doutrina, que é a Palavra de Deus. Quando os profetas adivinhavam por dinheiro, o povo de Deus também deixava de ouvir a verdadeira mensagem de Deus. Quando os líderes civis se corrompiam, o povo se desiludia e perdia a confiança no governo, nas leis e na ordem.

Miquéias enfatizou que Deus havia delegado um governo aos homens, e que esse governo seria eficiente se trabalhasse com os seus três níveis, sa-

cerdotal, profético e civil em sintonia, conforme o plano estabelecido por Deus. Se os seus líderes fossem corruptos, o propósito de governo de Deus falharia. Como os líderes espirituais e políticos do tempo de Miquéias não estavam alinhados com os propósitos de Deus, o profeta atribuía a eles a responsabilidade pelo declínio espiritual e moral da nação.

A Solução de Deus

Depois de enfatizar a falência dos governos de Israel e de Judá, Miquéias, através de uma profecia messiânica, pregou uma mensagem de esperança para o povo de Deus e para todas as nações do mundo. Ele previu a vinda de Cristo: *“Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do Senhor, na majestade do nome do Senhor, seu Deus; e eles habitarão seguros, porque, agora, será ele engrandecido até aos confins da terra. Esta será a nossa paz”*. (5:4–5)

Onde o governo humano falhou em Jerusalém e em Samaria, a autoridade máxima de Cristo não falhará e Ele trará a paz verdadeira para Seu povo. Ele será o exemplo perfeito de Profeta, Sacerdote e Rei. O final do segundo sermão de Miquéias apresentou Cristo como o Governante Perfeito. Ele liderará um novo reino que jamais verá morte nem corrupção. É por causa dessa palavra profética que os discípulos questionavam Jesus sobre quando Ele instituiria o seu reino perfeito e eterno (Atos 1:6).

O Terceiro Sermão de Miquéias (Capítulos 6 e 7)

No terceiro sermão de Miquéias, ele apresenta, de forma alegórica, um julgamento entre Deus e o povo: *“Ouvi agora o que diz o Senhor: Levanta-te, defende a tua causa perante os montes, e ouçam os outeiros a tua voz. Ouvi, montes, a controvérsia do Senhor, e vós, duráveis fundamentos da terra, porque o Senhor tem controvérsia com o seu povo e com Israel entrará em juízo”* (6:1-2).

Quando Miquéias, nesse julgamento, faz a apresentação da causa diante de Deus, Deus traz à memória do povo como Ele usou de bondade quando o tirou do Egito através de Moisés, Arão e Miriã (4) e como o povo correspondeu a essa bondade buscando outros deuses e satisfazendo os seus desejos egoístas. Miquéias defende os homens diante do tribunal de Deus: *“Com que me apresentarei ao Senhor e me inclinarei ante o Deus excelso? Virei perante ele com holocaustos, com bezeros de um ano? Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma?”* (6:6,7).

As referências que Miquéias faz a respeito dos pecados de Israel, em resposta à bondade de Deus, deixam a nação sem poder se defender. Miquéias deixa claro que não haveria nenhuma oferta que fosse suficiente para cobrir os pecados de Israel.

O dilema que Miquéias apresentou nesse importante julgamento preparou seus ouvintes para a conclusão de sua mensagem: *“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”* (8).

Depois de mostrar ao povo o que deveria fazer para que houvesse uma conciliação Deus mostrou a Miquéias que não havia mais nada que partindo do homem pudesse inocentá-lo dos seus pecados. Mas somente através da graça que Deus oferece ao coração contrito é que o homem recebe o perdão para os seus pecados. Miquéias terminou seu terceiro sermão com outra revelação profética para os últimos dias: *“As nações verão isso e se envergonharão de todo o seu poder; porão a mão sobre a boca, e os seus ouvidos ficarão surdos...tremendo, virão ao Senhor, nosso Deus; e terão medo de ti”* (7:16,17).

Essa é mais uma profecia sobre o Líder Messiânico que governará todas as nações. E Miquéias profetiza que esse Líder será misericordioso com Seu povo escolhido: *“O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar. Mostrará a Jacó a fidelidade e a Abraão, a misericórdia, as quais juraste a nossos pais, desde os dias antigos”* (18-20).

O Deus da mensagem de Miquéias é um Deus de compaixão e misericórdia, de amor incondicional. Isso significa que não conquistamos o amor de Deus através de um desempenho positivo, mas só mesmo pela Sua graça. Também não perdemos o amor de Deus por causa de um comportamento negativo.

A mensagem do profeta é bem clara e anuncia uma esperança fundamentada no amor e na graça de Deus. Mas esse amor e essa graça estão equilibrados com a Sua justiça, uma justiça que só pode ser exercida através da morte de Seu Filho, a fim de que possamos usufruir o amor perfeito e a graça para todo o sempre.

CAPÍTULO 07

A Profecia de Naum

Perspectiva Histórica

Os autores dos livros proféticos do Velho Testamento registraram a conquista de quatro cidades: Jerusalém, Samaria, Babilônia e Nínive. Jerusalém e Samaria eram as capitais dos Reinos do Sul e do Norte, de Judá e de Israel respectivamente, enquanto Babilônia e Nínive eram as capitais inimigas do povo de Deus. Conforme já vimos em outro estudo, a pregação de Jonas trouxe arrependimento e salvação para a cidade de Nínive. A profecia de Naum proclama a destruição e a ruína dessa

mesma cidade, com a diferença que sua pregação ocorreu cerca de 120 depois da de Jonas.

Embora o Livro de Jonas tenha registrado o arrependimento dessa cidade, capital dos inimigos mais cruéis de Israel, como resultado da pregação de Jonas, sessenta anos depois os assírios conquistaram o Reino do Norte, o Reino de Israel, e submeteram ao cativeiro, as dez tribos que formavam esse Reino. Aproximadamente sessenta anos depois do início do cativeiro Assírio, Naum profetizou o julgamento e o extermínio da cidade de Nínive. As profecias de Naum foram cumpridas literalmente vinte e três anos depois de terem sido anunciadas.

Os assírios conquistaram e escravizaram todas as nações mundiais, usando de uma crueldade indescritível e um barbarismo sem precedentes na história, transformando-se num império poderoso e temido em todo o mundo por sua crueldade. O centro do império assírio era a cidade de Nínive, conhecida em todo o mundo como a Cidade Rainha de toda a terra. Foi a total destruição dessa Cidade Rainha que o profeta Naum profetizou.

Naum Anuncia a Destruição de Nínive (Capítulo 1)

O primeiro capítulo do Livro de Naum anuncia a queda de Nínive, cidade localizada entre dois rios, os quais lhe serviam de força e proteção. Apesar

disso, Naum profetizou que a queda de Nínive viria através “de uma inundação transbordante”. De acordo com a profecia de Naum, o Senhor faria com que essa fonte se voltasse contra aquela cidade, inundando-a e destruindo-a totalmente. (cf.1:8).

O nome de Naum significa “cheio de consolo” e sua mensagem trouxe muito conforto para o Reino do Sul. Os assírios já tinham conquistado o Reino do Norte e o Reino do Sul temia que eles fossem para o sul e também os conquistassem. Na verdade, os assírios se voltaram para o sul depois de conquistar o Reino do Norte e acabaram conquistando quarenta e seis cidades fortificadas e levando duzentas mil pessoas cativas.

Quando estudamos o Livro de Isaías, aprendemos que os assírios conseguiram chegar às portas de Jerusalém; mas pelo ministério de um grande profeta, o Reino do Sul foi salvo. Entretanto, apesar dessa vitória, o Reino de Judá temia a invasão assíria. É o que percebemos na profecia de Naum: *“Por mais seguros que estejam e por mais numerosos que sejam, ainda assim serão exterminados e passarão”* (12). Essas palavras do profeta confortavam Judá.

Naum Descreve a Destruição de Nínive (capítulo 2)

No segundo capítulo da profecia de Naum, ele descreveu a queda da cidade de Nínive, com muitos detalhes, citando, inclusive, a cor do uniforme do exército inimigo, o reflexo do sol em seus escudos (3), o avanço das carruagens e os homens nas ruas tentando escapar da trágica destruição da cidade (4 e 5). Descreve os soldados deixando a cidade e o país, sem mesmo olhar para trás (8). A cidade rainha sendo despida e levada em cativeiro: os joelhos tremem, o coração se derrete em horror; o povo fica angustiado e pálido de horror (10). Essa descrição detalhada da invasão de Nínive mostrou para o Reino do Sul que Deus traria paz e conforto para sua terra através da destruição da capital dos seus inimigos.

Naum Defende a Destruição de Nínive (capítulo 3)

Naum fez uma lista das razões por que a ira de Deus estava sendo derramada sobre Nínive. Ele acusou os ninivitas de derramar sangue, de mentir, de saquear cidades e de prostituir-se. Os estudiosos da história antiga afirmam que os assírios deportavam o povo conquistado para outras terras com o objetivo de destruir o seu espírito nacionalista e, além disso, cometiam atrocidades contra os cativos. Eles tinham a prática de tirar a pele dos cativos, com eles ainda vivos. E quando conqui-

tavam uma cidade, matavam parte da população e amontoavam os crânios junto aos portões da cidade para aterrorizar os que tinham sobrevivido.

Todas as nações na terra tinham passado pelas crueldades dos assírios e como resposta de Deus à atrocidade desse povo ímpio, Naum pronunciou as seguintes palavras da parte do Senhor: *“Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos; levantarei as abas da tua saia sobre o teu rosto, e mostrarei às nações a tua nudez, e aos reinos, as tuas vergonhas”* (3:5). *“Não há remédio para a tua ferida; a tua chaga é incurável; todos os que ouvirem a tua fama baterão palmas sobre ti; porque sobre quem não passou continuamente a tua maldade?”* (3:19). A queda de Nínive seria um consolo para todas as nações que viviam sob o terror de suas atrocidades.

Naum Defende o Caráter de Deus

Esse pequeno livro possui um grande ensino sobre o amor e a ira de Deus. No Livro de Hebreus, a palavra grega para ira de Deus tem o significado de “atravessar”. A ideia é que o caráter essencial de Deus é o amor, mas há momentos em que a iniquidade e a impiedade do povo levam Deus para o outro lado do seu caráter, que é a santidade e a justiça absoluta. Nesse ponto, Ele “atravessa” do amor para a ira e o julgamento porque, no final, a iniquidade não pode coexistir com a santidade de Deus.

Conheci a história de um homem muito bom, gentil e pai amoroso, que teve de ser contido por vários policiais quando, numa delegacia de polícia, foi colocado frente a frente com o homem que tinha estuprado e assassinado sua filha de sete anos. O caráter daquele homem atravessou do lado do amor para o lado da ira. Será que o mesmo não pode acontecer com Deus? Podemos dar a seguinte definição para a ira de Deus: “Uma atitude permanente, consistente e final, da absoluta santidade, em reação ao pecado e à iniquidade”. Também podemos assim definir a ira de Deus: “Uma reação devastadora do absoluto Amor de Deus em relação àquilo que está destruindo o objeto desse amor”. Nesse caso, o objeto do amor de Deus eram todas aquelas pessoas que os assírios estavam mutilando, entre elas os cativos do Reino de Israel.

Como povo de Deus, também podemos ter o consolo e a certeza de que nosso Deus, que é a essência do amor perfeito, por fim “atravessará” e expressará Sua ira em favor do seu povo oprimido. Ele destruirá o ímpio através da absoluta e completa expressão da Sua santidade e justiça.

CAPÍTULO 08

A Profecia de Habacuque

Aqueles que não estão familiarizados com o livro de Habacuque podem achar que ele foi um profeta de muitas perguntas e poucas respostas. Pode parecer que ele foi uma pessoa cheia de dúvidas. Nos três breves capítulos do seu livro, ele clama a Deus repetidas vezes com seus “porquês”. Justamente por esse motivo, alguns estudiosos chamam Habacuque de “O Profeta Agnóstico”.

Uma pessoa agnóstica não acredita em nada daquilo que diz respeito ao conhecimento de Deus. O agnóstico diz: “Eu não sei; você não sabe e ninguém mais sabe. Vale a pena refletir sobre isso!”. A pergunta que eu faria para um agnóstico seria: “Se é impossível saber, como você sabe que não pode saber?”

Nesse estudo dos profetas, dissemos que eles eram homens que tinham diferentes modos de vida, e que foram chamados para o ofício de profeta. Aprendemos nos Livros Históricos do Velho Testamento que Davi nomeou quatro mil sacerdotes para se dedicarem exclusivamente ao louvor e à adoração ao Senhor com os instrumentos musicais confeccionados por ele próprio. (I Crônicas 23:5). Esses levitas, que eram ministros de adoração através da música, compuseram muitos salmos para o louvor a Deus. Habacuque foi um desses músicos levitas. Nos dias

de hoje eles seriam chamados de ministros de música ou ministros de louvor.

A Torre de Vigia de Habacuque

Dizem que “pregadores sempre coçam onde não está coçando e respondem perguntas que ninguém perguntou”. Talvez isso se aplique a muitos pregadores. Talvez muitos de nós devêssemos nos confessar culpados dessa acusação, porque há muitas evidências dessa culpa para nos incriminar. Entretanto, isso não se aplica a Habacuque e o leitor vai entender por quê.

Habacuque foi contemporâneo de Jeremias e tinha conhecimento de como Jeremias estava sendo tratado. Ele deve ter pensado: “Se o povo de Judá trata assim Jeremias, que é um profeta tão importante, o que poderá fazer comigo, um simples ministro de música, quando anunciar a mensagem de Deus para eles?”

Mas Habacuque arquitetou uma forma bem criativa para anunciar sua profecia, atrair a atenção do povo e preparar os habitantes de Judá para receber a Palavra de Deus. Quando Habacuque começou a questionar Deus, o fez com as perguntas que estavam no coração do povo.

O povo de Judá, habitante da cidade de Jerusalém, vivia a expectativa da chegada dos exércitos ba-

bilônios. Os homens das torres de vigia da cidade estavam posicionados, prontos para anunciar qualquer sinal ou som que indicasse a aproximação daquele temido exército. No seu discurso, Habacuque anunciou que construiria uma “torre de vigia” espiritual. Ele se posicionaria nessa torre e de lá faria todas as suas perguntas para Deus. Na verdade, suas perguntas eram as mesmas que o povo queria fazer. Ele vigiaria, ouviria e esperaria pelas respostas de Deus, que seriam para ele e para o povo.

Imaginemos o povo encorajando Habacuque a ir para sua “torre de vigia” e fazer todas as perguntas que pesavam no coração de toda aquela gente. Então Habacuque, de sua torre de vigia, perguntou a Deus, por que Ele estava usando a Babilônia, uma nação ímpia, para destruir o povo que Ele mesmo escolhera: *“Não és tu desde a eternidade, ó Senhor, meu Deus, ó meu Santo? Não morreremos. Ó Senhor, para executar juízo, puseste aquele povo; tu, ó Rocha, o fundaste para servir de disciplina. Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?”* (1:12,13).

Tanto Habacuque como o restante do povo tinham consciência de que Deus estava usando os babilônios para punir Judá pelos seus pecados. Mas era difícil compreender por que Deus usava uma nação tão ímpia para repreender o Seu povo. Afi-

nal, a impiedade dos babilônios excedia a iniquidade do povo de Judá. Esse era o contexto no qual Habacuque vivia quando colocou diante de Deus as questões que pesavam no seu coração e no coração do povo por causa da eminente invasão da Babilônia. Habacuque estava vigiando, ouvindo e aguardando as respostas que Deus daria a suas perguntas. Por isso ele anunciou: *“Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza e vigiarei para ver o que Deus me dirá e que resposta eu terei à minha queixa”* (2:1).

A Mensagem de Habacuque

Imaginemos o entusiasmo do povo quando Habacuque anunciou que, de sua torre de vigia, já tinha recebido a resposta de Deus! O profeta Habacuque foi muito perspicaz ao escolher esse tipo de abordagem para anunciar sua profecia. Habacuque anunciou que Deus havia respondido às suas perguntas, e a resposta que ele tinha de Deus era que apesar de Ele estar usando a ímpia, Babilônia, para castigar o Seu povo, esse poderoso império mundial seria destruído. Como já estudamos, o Império Babilônio durou apenas setenta anos.

Deus falou para Habacuque, em sua torre de vigia, que os babilônios tinham a semente da destruição em seus corações pervertidos. Basicamente, o que Habacuque ouviu de Deus é o que Jesus ensinou aos seus discípulos quando falou: *“Todos os que lançam*

mão da espada a espada perecerão” (Mateus 26:52). Eles seriam destruídos pela sua própria crueldade e brutalidade: “Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé. Assim como o vinho é enganoso, tampouco permanece o arrogante, cuja gananciosa boca se escancara como o sepulcro e é como a morte, que não se farta; ele ajunta para si todas as nações e congrega todos os povos”. (2:4–5).

Obviamente nesse texto Deus faz referência aos babilônios, que eram soberbos e cujas almas não eram retas. Somente o justo, aquele que conhece a Deus e que, portanto, vive pela fé em Suas promessas, somente esse viveria (4).

“O justo viverá pela sua fé”. Esse versículo possui mais de uma aplicação. Através dessa resposta dada a Habacuque, Deus estava prometendo esperança para Judá. Mas aquele povo precisava crer nas palavras dos profetas. Homens como Isaías e, principalmente, Jeremias, já haviam anunciado que Judá sobreviveria como nação; seu povo voltaria a sua terra. Essa era a esperança e a garantia de que a ímpia nação Babilônica não teria a vitória final. Mas o justo viveria se tivesse fé para crer nas promessas de Deus anunciadas pelos seus fiéis profetas.

Outra aplicação, também muito importante, para esse versículo, encontra-se no Novo Testamento, onde o texto de Habacuque é citado três vezes. Vamos dar um salto para o século XVI d.C., para a

Reforma Protestante, quando um sacerdote católico chamado Martinho Lutero meditava nesse versículo citado no primeiro capítulo da carta de Paulo aos Romanos (Romanos 1:17). A teologia da reforma foi articulada pelos comentários de Lutero a respeito das cartas de Paulo aos Romanos e também aos Gálatas, onde consta uma citação desse versículo (Gálatas 3:11).

E ainda a terceira citação desse versículo no Novo Testamento serve de base para o grande capítulo da fé na Bíblia (cf. Hebreus 10:38).

O Hino de Habacuque

Não temos registro sobre o que aconteceu com esse corajoso profeta. Quando cidades como Jerusalém eram conquistadas, geralmente, parte da população era aniquilada e os sobreviventes eram acorrentados, e levados cativos. Apesar de saber que a conquista Babilônica era iminente e que duraria setenta anos, Habacuque terminou sua mensagem com um hino de louvor. Ele não sabia o que o futuro lhe reservava, mas sabia qual seria o futuro de Judá como nação. Ele acreditava nas promessas de que o remanescente de Judá retornaria depois de setenta anos, a Babilônia cairia e aquele povo continuaria a ser o povo escolhido de Deus.

Habacuque começou sua profecia com o que parecia ser um suspiro de desespero e dúvida. Mas

ele finaliza sua profecia com um hino de louvor, de adoração e de esperança. Com sua profecia, Habacuque mostrou ao povo de Deus de todos os tempos e culturas como transformar um suspiro de desespero e dúvida em um hino de louvor.

Existem os crentes oportunistas que usam Deus quando lhes é interessante. O hino de Habacuque retrata a face oposta desse crente oportunista. O hino final de Habacuque retrata o perfil de um homem de fé que conhecia Deus e sabia que Ele jamais mudaria os Seus planos de trazer o Messias através do Seu povo. Se as palavras de Deus eram verdadeiras, como Habacuque acreditava que fossem, o povo de Deus não seria abandonado. Ele poderia até ir para o exílio e ser castigado pelos seus pecados, mas jamais seria exterminado. Todas as profecias referentes ao Messias seriam cumpridas.

Como Jó, que no auge do seu sofrimento recebeu de Deus uma revelação maravilhosa, e como o profeta Jeremias, quando compôs o Livro de Lamentações, Habacuque também teve a inspiração de Deus para compor um hino no momento mais difícil de sua vida. O texto abaixo é um pequeno trecho desse hino: “Tenho ouvido, ó Senhor, as tuas declarações, e me sinto alarmado; aviva a tua obra, ó Senhor, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida; na tua ira, lembra-te da misericórdia.

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação.

O Senhor Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente.
(Ao mestre de canto. Para instrumentos de corda)

Aplicação Pessoal

Poucos de nós enfrentam o tipo de crise que Habacuque enfrentou, mas enfrentamos, às vezes, problemas muito angustiantes. Diante de tais situações, temos duas alternativas: ou colocamos toda a nossa própria energia física, emocional e espiritual no problema, ou construímos nossa torre de vigia espiritual e ficamos esperando para ver como Deus vai trabalhar. Fiquemos vigiando, até que percebamos sinais de que Deus está trabalhando em nossas vidas. Então, como Habacuque fez, adoramos a Deus!

Você já construiu sua torre de vigia espiritual? Um lugar onde você vigia, espera e ouve Deus? O Livro de Habacuque nos ensina que podemos e devemos construir uma torre de vigia espiritual e de lá questionar Deus. Ele vai responder enquanto esperamos em silêncio. Um velho pastor disse: *“Já ouvi pessoas dizerem que hoje Deus não fala conosco como falava nos tempos de Habacuque. O mais cer-*

to é dizer que hoje o povo de Deus não O ouve mais como costumava ouvir nos dias desse ministro de louvor tão talentoso e temente a Deus”.

CAPÍTULO 09

A Profecia de Sofonias

Assim como o profeta Joel, Sofonias também foi profeta do “Dia do Senhor”. A diferença é que Joel enfatizou o Dia do Senhor dos tempos passado, presente e futuro e Sofonias concentrou sua profecia exclusivamente no último Dia do Senhor, profetizado por Jesus, pelos profetas e pelos apóstolos.

Em Que Consiste o Dia do Senhor (Capítulo 1)

Quando Sofonias pregou sobre o Dia do Senhor, ele descreveu um acontecimento catastrófico envolvendo toda a criação. Através de Sofonias Deus anunciou: *“De fato, consumirei todas as cousas sobre a face da terra, diz o Senhor. Consumirei os homens e os animais, consumirei as aves do céu, e os peixes do mar, e as ofensas com os perversos; e exterminarei os homens de sobre a face da terra, diz o Senhor”.* (1:2–3) De acordo com Sofonias, o Dia do Senhor será final e cataclísmico e não se refere somente ao povo de Judá ou aos dominadores babilônios; esse dia atin-

girá todo homem e animal sobre a face da terra, assim como pássaros e peixes do mar.

Como outros profetas, Sofonias também mesclou profecias referentes ao último Dia do Senhor com as profecias sobre o cativoiro babilônico: *“Estenderei a mão contra Judá e contra todos os habitantes de Jerusalém; exterminarei deste lugar o resto de Baal, o nome dos ministrantes dos ídolos e seus sacerdotes. No dia do sacrifício do Senhor, hei de castigar os oficiais, e os filhos do rei, e todos os que trajam vestiduras estrangeiras. Castigarei também, naquele dia, todos aqueles que sobem o pedestal dos ídolos e encham de violência e engano a casa dos seus senhores”*. (1:4, 8–9)

Sofonias uniu-se profeticamente ao profeta Miquéias e pôs sobre os líderes espirituais e políticos a culpa e a condenação pela apostasia espiritual e pela corrupção moral do povo. De acordo com os Profetas Menores, o julgamento que Deus faria vir sobre todo o povo era consequência da negligência dos líderes políticos e espirituais. Esse julgamento de Deus, que atingiria, desde os líderes até as pessoas comuns do povo, mostra a importância e a responsabilidade que os líderes têm diante de Deus pelo bem-estar dos seus comandados.

O Caráter do Dia do Senhor (Capítulo 2)

Apesar de Sofonias ter enfatizado o julgamento de Deus sobre Judá, por causa de seus pecados, ele também profetizou a respeito do Dia do Senhor sobre todas as nações, principalmente sobre aquelas que perseguiram o povo de Judá. Sofonias anunciou que no grande e terrível dia, todos os homens darão conta de suas obras, e Deus lhes dará uma sentença final. Ele proclamou que apenas aqueles que adorarem ao único Deus verdadeiro escaparão da ira de Deus naquele grande e terrível Dia.

Nesse contexto, Sofonias exortou as nações a se arrependerem: *“Concentra-te e examina-te, ó nação que não tens pudor, antes que saia o decreto, pois dia se vai como a palha; antes que venha sobre o furor da ira do Senhor, sim, antes que venha sobre ti o dia da ira do Senhor. Buscai o Senhor, vós todos os mansos da terra, que cumpris o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; porventura, lograrei esconder-vos no dia da ira do Senhor”* (2:1–3).

Apesar de Deus ter usado as nações ímpias como instrumento de castigo sobre Judá, essas nações continuaram fora do concerto do Deus único e verdadeiro. Pela pregação de Sofonias elas são chamadas ao arrependimento para serem salvas do fogo do Dia do Senhor.

O cataclismo do dia do Senhor será provocado pelo

pecado e pela falta de temor a Deus das nações. Sofonias adverte contra o pecado da luxúria, da indiferença, da falta de fé, da desobediência, da rebelião e da falta de temor a Deus, tanto de Judá, como das nações ímpias e, de acordo com a palavra desse profeta, foram esses pecados que provocaram a ira de Deus e o cataclismo do Dia do Senhor.

Sofonias prevê que o julgamento de Deus virá sobre as nações localizadas junto ao mar, e que “o litoral pertencerá aos restantes da casa de Judá; nele apascentarão os seus rebanhos...porque o Senhor, seu Deus, atentará para eles e lhes mudará a sorte” (7). Sofonias também pregou contra Moabe e Amom e contra os etíopes e os assírios para mostrar que essas nações sem temor de Deus não sobreviverão ao julgamento do Senhor.

A Nova Criação no Dia do Senhor (Capítulo 3)

Apesar de Sofonias repreender Judá por causa da corrupção de seus líderes e por resistirem a Deus (3:1-4), mostrou que o cativeiro babilônico seria a consequência desse comportamento. Mas ele também teve uma palavra de esperança para o último Dia do Senhor. Nesse dia todas as nações da terra reconhecerão que o Senhor é Deus (cf. 8-11) e o remanescente de Israel será encontrado fiel: “Os restantes de Israel não cometerão iniquidade, nem proferirão mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa, porque serão apascentados, deitar-se-ão, e não haverá quem os espante” (13).

Sofonias pregou que apesar de Judá ser incapaz de se manter fiel ao seu Deus, o Senhor o preservaria e o traria do cativeiro, e nos últimos dias haveria um remanescente fiel a Ele, uma nova criação. Nos livros de Esdras e Neemias, e nos últimos três profetas menores que ainda estudaremos, temos registrado o cumprimento parcial dessa profecia. Esses três últimos profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias, pertencem ao período pós-cativeiro e ministram aos sobreviventes que retornam da Babilônia.

Em razão da profecia de Sofonias enfocar principalmente o último Dia do Senhor, muitos estudiosos acreditam que sua profecia sobre um remanescente que é manso, humilde e justo está cumprida na igreja do Cristo vivo e ressurreto. Todos os profetas eram judeus, e Paulo escreve que todos os gentios que nasceram de novo são filhos de Abraão (Gálatas 3:7). Paulo também se tornou um profeta quando previu que Deus traria novamente para Si a nação judaica e “todo Israel seria salvo” (cf. Romanos 9-11).

CAPÍTULO 10

A Profecia de Daniel

“Crentes Versus Babilônios”

Todos os profetas que estudamos até agora viveram e pregaram antes ou durante o cativeiro babilônico. Os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias são chamados “Os Profetas Pós-Cativeiro” porque pregaram para aqueles judeus que retornaram do cativeiro na Babilônia. A fim de obter uma visão do cenário histórico no qual esses três profetas viveram, leia o Livro de Esdras, ou consulte as apostilas 3 e 4, que tratam dos Livros Históricos. Isso trará à sua memória o que já estudamos sobre os três diferentes retornos do cativeiro babilônico para Jerusalém.

Ageu e Zacarias pregaram para os exilados que faziam parte do primeiro grupo de judeus que retornou do exílio. Esse primeiro retorno ocorreu logo após a queda do Império Babilônico pelos Medos e Persas e foi descrito em detalhes pelos autores bíblicos. Esse retorno teve como objetivo principal a reconstrução do Templo de Salomão, sendo esse o enfoque das mensagens dos profetas Ageu e Zacarias.

Em cumprimento à maravilhosa profecia de Isaías, Ciro, o Grande, imperador persa, decretou que todos os exilados tinham permissão de voltar para Jerusalém para reconstruir, levando, inclusive, todo

o material necessário para essa obra. Embora tenha havido o milagre desse decreto de Ciro, Imperador da Pérsia, a sua concretização não foi tão fácil. Eram 50 mil refugiados maltrapilhos, trabalhando na reconstrução do templo, provavelmente muito semelhantes aos refugiados que vemos nos dias atuais, a quem não é atribuída nenhuma glória. Eles tinham sido um forte exército de 600 mil soldados, temidos por todos, como no tempo da conquista das cidades fortificadas de Canaã (cf. Josué 2:9-14). Agora eles não representavam mais um exército; nem sequer eram uma nação. Tudo isso aliado à decepção de descobrir que a terra deles tinha sido ocupada por povos pagãos que não os queriam ali. Foi nesse cenário que os profetas Ageu e Zacarias ministraram.

A mensagem de Ageu

O povo que os exilados encontraram na Judéia e em Jerusalém eram nações que também tinham sido conquistadas pelos babilônios e seu povo deportado de seus países para a terra de Judá. Essa mistura de povos era hostil à ideia de reconstrução do Templo. Eles acreditavam que havia algo no Templo, que no passado tinha feito dos judeus uma forte nação. Por isso perseguiam e perturbavam o povo de Judá para que a reconstrução fosse iniciada. Por quinze anos o povo sofreu ameaças, até que pôr fim a obra foi interrompida. O povo, desanimado, desviou-se do objetivo de sua missão e se

envolveu na construção de suas próprias casas. É nesse contexto que entra em ação o profeta Ageu!

Lembre-se: a função de um profeta era proclamar contra qualquer obstáculo que impedisse a obra de Deus, até que esse obstáculo fosse removido e a obra fosse concluída. A obra de Deus que estava em andamento nos tempos de Ageu era a reconstrução do Templo e o obstáculo que impedia a obra era o povo ter perdido o seu alvo principal. Ageu pregou pelo menos quatro sermões muito oportunos e importantes, até que o povo foi despertado, a reconstrução do templo reiniciada e concluída.

Primeiro Sermão de Ageu: **“Focalize Suas Prioridades!” (Capítulo 1)**

Metade do pequeno Livro de Ageu registra e descreve os resultados do seu primeiro sermão. Ele tinha desafiado o povo de Judá: “Considerai o vosso passado!”. Toda a mensagem da Bíblia poderia ser sintetizada na frase: “Deus em primeiro lugar!”. O desafio de Ageu para aqueles exilados era essencialmente esse: *“Vejam como vocês estão usando o seu tempo. Você tem tempo para construir suas casas, mas não tem tempo para a casa de Deus”*.

Ageu pregou como se fosse Deus falando: *“Esperaste o muito, e eis que veio a ser pouco, e esse pouco, quando o trouxeste para casa, eu, com um asso-pro o dissipei. Por quê?...por causa da minha casa,*

que permanece em ruínas, ao passo que cada um de vós corre por causa de sua própria casa” (1:9). No versículo 6, Ageu diz que eles recebiam o salário “para pô-lo num saquitel furado”. E quando ele desafiou o povo a considerar os caminhos de Deus também afirmou que era Deus quem estava causando os furos nos seus saquitéis.

Ageu desafiou aqueles exilados a considerarem o que eles estavam fazendo, e o que Deus estava fazendo. Por eles terem se desviado da sua prioridade, Deus mandou uma seca (10, 11) e com a seca, a fome. Todo o trabalho deles deu em nada. E tudo isso era consequência direta da negligência do povo de não colocar Deus em primeiro lugar.

Com certeza Ageu foi um pregador eficiente, porque sua palavra foi convincente e levou o povo a obedecer e focalizar suas prioridades na conclusão das obras do Templo. O primeiro sermão de Ageu aconteceu em duas partes. A segunda é a resposta à obediência do povo, e pode ser resumida no versículo 13: “Eu sou convosco, diz o Senhor”. Depois que o povo restabeleceu suas prioridades e colocou o plano de Deus em primeiro lugar, Deus ficou do seu lado e o abençoou.

Segundo Sermão de Ageu:

“Focalize Sua Perspectiva” (2:1-9)

O Templo de Salomão foi construído com material de muito valor, como ouro, prata e joias preciosas. Era um templo glorioso, construído com todo o esplendor do reinado de Salomão. Uma situação totalmente diferente da reconstrução feita pelos pobres refugiados de Judá. O único material que eles tinham para construir o templo eram as próprias ruínas do antigo e o material que havia sido fornecido por Ciro, Imperador persa.

Muitos dos que estavam participando dessa reconstrução haviam nascido no exílio e não conheceram o primeiro templo. Os mais velhos que tinham conhecido o antigo templo, choravam. Eles não acreditavam que o novo templo não seria tão glorioso quanto o primeiro (cf. Esdras 3:12,13).

Nesse segundo sermão, Ageu enfrentou a tristeza e o desânimo dos refugiados. Ele ensinou que a importância do templo era espiritual e não material ou física. Lembrou que o Tabernáculo erguido no deserto era uma tenda! Ageu também os fez lembrar que o Espírito de Deus estava com eles.

Além disso, nesse segundo sermão Ageu exortou o povo a focalizar a sua perspectiva. A palavra “perspectiva” significa “olhar através de”. Em certos trechos, a Bíblia nos exorta a ativarmos nossa memória, e em outros trechos, nos exorta a esquecer o

que ficou para trás.

Às vezes, olhar para trás é maléfico para nós. Por isso Deus usa Ageu para nos desafiar a ter uma “visão objetiva”, que não enquadra os obstáculos e as distrações ao nosso redor no seu campo de visão. A visão objetiva focaliza o presente e o futuro. Focaliza aquilo que Deus quer que façamos para Ele. Essa foi a essência da mensagem do segundo sermão de Ageu.

Terceiro Sermão de Ageu:

“Focalize Sua Motivação” (2:10-19)

Provavelmente o povo achou que assim que começasse a reconstrução do Templo veria a benção sobre seu trabalho; a bênção prometida na segunda parte do primeiro sermão de Ageu. Eles trabalharam durante todo o outono e o inverno, e ainda não tinham recebido as bênçãos que tanto aguardavam.

Diante disso, Ageu desafiou o povo com duas perguntas. Como eram os sacerdotes que respondiam as perguntas do povo a respeito das Escrituras, ele fez essas perguntas aos sacerdotes. Na primeira, ele perguntou: “se alguém leva carne santa na orla de sua veste, e ela vier a tocar no pão...ou em qualquer outro mantimento, ficará isso santificado?”. A essa pergunta os sacerdotes responderam: “não”. Na segunda, Ageu perguntou: “*Se alguém que se tenha tornado impuro...tocar nalguma destas cousas,*

ficará ela imunda?”. A isso os sacerdotes responderam: “sim”.

Com essas perguntas e respostas Ageu construiu uma figura da mudança pela qual o povo tinha passado desde que retornara do exílio.

Antes do exílio, o povo era como o homem impuro. Como consequência de seus pecados, tudo o que tocava se tornava impuro. Mas no exílio, esse povo tinha se purificado e agora suas ações na reconstrução do templo eram consideradas santas.

Eles precisavam entender que a santidade não pode ser transmitida automaticamente, como acontece com certas doenças. O pecado, sim, é transmitido instantaneamente. Mas para tornar-se santo, leva-se algum tempo. Se as bênçãos fossem garantidas instantaneamente pela obediência, então as bênçãos de Deus seriam resultado das nossas obras e não da Sua graça. Nossa motivação para sermos santos deve ir além da reverência a Deus ou do desejo por bênçãos. Nesse terceiro sermão, Ageu estava desafiando o povo a focalizar sua motivação na obra de restauração do Templo; na obra de Deus.

Quarto Sermão de Ageu: “Focalize Seus Temores” (2:21-23)

Quando o povo retornou para Jerusalém, sentia-se desprotegido. Depois de setenta anos de cativeiro e trabalho escravo, temia ser escravizado novamente. O quarto sermão de Ageu abordou esses temores, trouxe esperança, anunciando que Deus subjugaria as nações e que tinha planos de abalar céus e terra.

Nesse sermão, Ageu profetizou que Deus ia abalar céus e terra até que só restasse na terra aquilo que não pode ser abalado. O autor da carta aos Hebreus faz uma citação de Ageu, quando diz que nós recebemos um reino que não pode ser abalado (cf. Hebreus 12:26-29).

Essa é a essência do quarto sermão de Ageu.

Aplicação Pessoal

Busque hoje uma aplicação para sua vida na pregação desse grande profeta. Quais são as suas prioridades? Deus tem abençoado o seu trabalho? Como vão as coisas na sua vida espiritual? A pior parte do julgamento de Deus nessa questão das prioridades equivocadas dos exilados foi que Deus enviou sobre a terra deles uma seca que fez com que o trabalho não prosperasse. Você já passou por algum tipo de seca espiritual? Se Deus

não está abençoando o trabalho das suas mãos, se você se encontra numa seca espiritual, a mensagem de Ageu é para você: *“Considerai o vosso passado” e “considerai os caminhos de Deus”*.

Qual é a sua perspectiva? Será que você tem uma perspectiva objetiva? Ou está sempre olhando para trás e comparando as obras passadas da sua vida? Deus quer que você focalize aquilo que Ele está fazendo na sua vida hoje, e no que fará amanhã.

Quais são suas motivações para servir o Senhor? Quando você serve ao Senhor, você espera por bênçãos imediatas? Será que você faz a obra de Deus esperando recompensas instantâneas?

Quais são os seus temores? Ageu junta-se a Pedro quando nos afirma que podemos lançar sobre Ele todas as nossas ansiedades, porque Ele tem cuidado de nós (cf. I Pedro 5:7). Agora que você já leu a profecia de Ageu, deixe que sua fé focalize suas prioridades, sua perspectiva, suas motivações e seus temores.

CAPÍTULO 11

A Profecia de Zacarias

Imagine a seguinte cena: Ageu, o velho profeta, pregando seus sermões e o jovem profeta Zacarias argumentando com ele: “Mas Ageu, o povo está muito indefeso, muito vulnerável. Eles estão desanimados e sem esperança, quase desesperados. E quando o povo está assim, precisa de palavras de ânimo. Não basta dizer: ‘Sejam fortes! Mãos à obra!’. Em tempos de crise e de desesperança, parece que a única coisa que o povo consegue ver à sua frente são os problemas e as dificuldades”.

Naquele tempo os profetas também eram chamados de “videntes”, porque podiam “ver” Deus trabalhando por trás e além da crise. Um vidente via o que outros não viam, porque era um vidente de Deus. Zacarias é um exemplo marcante na Bíblia desse tipo de “profeta vidente”.

Zacarias acreditava que o povo quebrantado de Judá precisava de uma visão da parte do Deus Onipotente, ele tinha essa visão e ela poderia fortalecer aquele povo. Deus usou a pregação de Zacarias para dar àquela gente desanimada, triste e sem esperança uma visão da parte Dele.

O Estilo Literário de Zacarias

A profecia de Zacarias baseia-se em oito visões que ele compartilhou com os exilados de Judá e hoje é compartilhada comigo e com você. Para iniciar o estudo do livro de Zacarias, vamos, em primeiro lugar, focar o problema que era a fonte do desânimo e da tristeza dos judeus sobreviventes do cativeiro. Depois, vamos remover o véu imaginário e descobrir a forma de Deus trabalhar por detrás do véu. Zacarias faz isso oito vezes no seu livro, e esse é o estilo literário do Livro de Zacarias.

A Mensagem de Zacarias

A mensagem de Deus através de Zacarias foi esta: “Tornai-vos para mim e eu me tornarei pra vós outros”. A volta de judeus para a Palestina, que está acontecendo atualmente, é semelhante à que aconteceu com os exilados naquela época e que foi anunciada por vários profetas. Através da pregação de Zacarias, Deus falou também do retorno espiritual daquele povo. Não era apenas um retorno para a cidade de Jerusalém e para o Templo. Deus queria que o povo voltasse para Ele. Sabemos que até hoje o povo judeu ainda não retornou para Deus. Mas Zacarias, outros profetas, e o apóstolo Paulo, previram esse retorno espiritual e a salvação de todo Israel (cf. Zacarias 8:20-23; Isaías 59:20, 21; Romanos 11:26).

Zacarias usou a expressão “Senhor dos Exércitos”

mais de cinquenta vezes, apresentando Deus como o Senhor dos Exércitos celestiais, Senhor das estrelas e de todas as forças que equilibram a natureza, que Ele usa para o cumprimento do Seu propósito no mundo. Essa expressão sintetiza toda a profecia de Zacarias porque em todas as suas visões ele viu Deus como o “Senhor dos Exércitos”, sempre que o povo estava política e militarmente enfraquecido. Zacarias viu o Senhor dos Exércitos trabalhando em favor do Seu povo de três maneiras. A primeira, o próprio Deus como o Senhor dos Exércitos. A segunda maneira que Deus usou para trabalhar em favor daquele povo e fazê-lo voltar para Ele foi através do “Renovo”. Depois de Isaías, o Livro de Zacarias é o que mais possui profecias messiânicas.

Quando o Messias veio em cumprimento à profecia de Zacarias, Jesus Cristo disse ao povo de Deus de maneira clara e enfática: *“Eu sou o Caminho (para Deus) ... e ninguém vem ao Pai senão por Mim!”* (João 14:6).

Uma terceira maneira como Zacarias via Deus trabalhando em favor do povo está no capítulo 4, versículo 6: “Não por força, nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor Dos Exércitos”. Zacarias previu o grande milagre do Pentecostes e todas as bênçãos sobre o povo de Deus a partir daquele acontecimento.

Dessa forma, ele mostrou o trabalho do Deus Trino:

o Senhor dos Exércitos, o Deus Pai; o caminho que conduz ao Pai através do Renovo, o Filho; e derramamento do Espírito Santo no pentecostes, depois que o povo se voltasse para o Pai através do Filho.

As Oito Visões de Zacarias

A palavra grega “apocalipse” significa “revelação”, desvendamento. Portanto, nesse contexto, “apocalipse” significa “revelação de algo que só poderia acontecer com a retirada do véu”. Zacarias remove o véu oito vezes e revela o que Deus estava fazendo. Deus deu oito visões a Zacarias para que fossem anunciadas àquele povo, tão impotente e desanimado, e ele fosse fortalecido e recebesse esperança.

Primeira Visão: O Lugar de Sombras (1:7-17)

De acordo com alguns estudiosos da Bíblia, esse homem que é visto de pé entre as árvores representa o difícil período de transição entre o retorno da Babilônia para Jerusalém e o desafio de transformar um montão de entulho no novo Templo. A dura realidade de não ser mais uma nação, mas apenas um bando patético de míseros refugiados era sombria e desanimadora. Sem dúvida, era um difícil período de transição.

Quando Zacarias removeu o véu, revelou o que ele chamou de “O Vigia”, o Senhor dos Exércitos. Deus

sabia o que estava acontecendo e acompanhava cada passo do Seu povo. Foi o próprio Deus quem, de maneira sobrenatural, deu fim ao cativeiro babilônico. No devido tempo e do Seu modo, Ele iria cumprir todos os Seus planos para com esse povo e promover uma restauração completa: o retorno para a Terra Santa e para Si mesmo.

Quando Deus quer fazer algo novo em nossas vidas, quando quer nos levar para um lugar novo, na maioria das vezes, começamos a criar obstáculos. Esses obstáculos geralmente são três. Preocupamo-nos muito com segurança e estabilidade; queremos viver seguros e tranquilos em nossos ninhos, sem precisar mudar de um lado para outro. Entretanto devemos estar prontos para deixar antigos lugares e ser conduzidos por Deus para lugares novos. É por isso que o chamado de Deus geralmente é feito em duas etapas: um puxão para frente e um chute no traseiro! Em outras palavras, Deus nos arranca para fora de uma situação já estabelecida e nos leva para um lugar novo. Você já passou por uma experiência desse tipo? Isso é um milagre de Deus que costumo chamar de “intervenção divina”.

Quando estamos entre o velho e o novo, nosso Deus vem e nos puxa para um período de transição. Depois Ele nos alinha, de forma que possamos nos estabelecer na nova situação e deixar Deus fazer o que Ele quer, conosco e com nossos ministé-

rios. Veja o milagre na vida do povo de Israel descrito em Deuteronômio 6:23: *“Aos nossos olhos fez o Senhor sinais e maravilhas grandes e terríveis, contra o Egito e contra Faraó e toda a sua casa; e dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que sob juramento prometeu a nossos pais”*.

Segunda Visão: Os Quatro Chifres (1:18-21)

Chifres na Bíblia são símbolos de poder. O segundo obstáculo que Zacarias viu detrás do véu e que alimentava a insegurança do povo de Deus era o poder dos impérios mundiais que os tinha conquistado e escravizado quando ele era uma nação forte, e o temor de que pudessem fazê-lo novamente.

Quando Zacarias removeu o véu e revelou ao povo o que estava após ele, o povo se encheu de coragem e esperança. Por detrás do véu havia a revelação dos poderes mundiais que o Senhor dos Exércitos usaria para destruir os “chifres” ou potências que eles tanto temiam.

Terceira Visão:

A Cidade de Jerusalém (2:1-4, 10-13)

Um empecilho que era visível diante do véu era todo aquele entulho que antes tinha sido a bela cidade de Jerusalém. Quando Zacarias retirou o terceiro véu viu que o que estava por trás dele era a cidade de Jerusalém linda e restaurada. Ele contou ao povo essa revelação e mostrou-lhe que todo

aquele entulho seria uma cidade tão grande que não poderia ser medida. Uma Jerusalém que não necessitava mais de muros, porque era protegida pelo Senhor dos Exércitos.

A Cidade de Jerusalém e o Templo foram restaurados e se transformaram na cidade e no Templo tantas vezes visitados por Jesus. 40 anos depois de Jesus, Jerusalém foi novamente destruída pelo imperador romano e novamente restaurada nos moldes que a conhecemos hoje. Toda a liturgia de ofertas de animais sacrificados foi abandonada quando Roma destruiu Jerusalém, em 70 d.C. A profecia de Zacarias foi parcialmente cumprida quando Jerusalém foi restaurada antes da era de Cristo, e depois, na terrível destruição pelos romanos. Mas o cumprimento total dessa profecia será a Nova Jerusalém descrita pelo apóstolo João (Apocalipse 21:2).

Quarta Visão:

O Acusador dos Irmãos (3:1-2; 8-10)

O problema diante do véu enfocado por Zacarias e que tirava o ânimo dos exilados foi a visão de Josué: o sumo sacerdote usando vestes sujas e sendo acusado por satanás. A terrível mancha do pecado da idolatria, perdoado e purificado através da experiência do cativo, muito provavelmente, foi o motivo das acusações do diabo.

Satanás, o acusador, usa as consequências ou manchas dos pecados que já foram perdoados para dia e noite, acusar os cristãos. O Livro do Apocalipse afirma que quando o acusador for derrotado então virá a salvação, o poder, e o reino do nosso Deus e a autoridade de Cristo (cf. Apocalipse 12:10).

Quando Zacarias remove o véu, vê a Trindade e a anuncia ao povo: Ele vê o Senhor dos Exércitos, a expressão do amor e do poder de Deus que se manifestaria através do Messias, “O Advogado”, e o Espírito Santo e os milagres que acontecerão na Segunda Vinda de Jesus Cristo.

Quinta Visão:

O Candelabro de Ouro e o Vaso de Azeite (4:1-7)

Nessa visão, outro problema diante do véu contribuíria para que o ânimo dos judeus exilados estivesse em baixa. o não cumprimento da responsabilidade que Deus lhes havia dado, de compartilhar a Sua Palavra com todo o mundo. Toda aquela situação, a cidade destruída, o templo e suas próprias vidas em ruínas fazia-os sentirem-se exemplos de professores da Palavra de Deus miseráveis e fracassados.

Você já se sentiu num deserto espiritual, que pode ser uma doença, uma depressão ou outra forma qualquer de luta em que o diabo o acusa? Nessas horas difíceis você nunca ouviu uma “vozinha” cochichando no seu ouvido: “e você, hein? Era para ser exemplo para todo mundo... o sal da terra, e a

luz do mundo...Olha aí no que deu?". Já ouviu isso alguma vez?

Quando Zacarias removeu o véu, viu o Espírito Santo representado pelo vaso de azeite: *"Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos"* (4:6). Essa visão dava ao profeta a certeza de que Deus, através do Espírito Santo, capacitaria aquele povo a fim cumprir o Seu chamado. Como o profeta Joel, Zacarias profetiza a respeito do Dia de Pentecostes.

Sexta Visão: O Rolo Voador (5:1-4)

Nessa visão, a dificuldade diante do véu eram todas as forças malignas que os exilados enfrentaram na volta para Jerusalém. É fácil, às vezes, mas não é sábio, ficarmos inertes diante das dificuldades, paralisados pelo poder do mal. Essa pressão e opressão, aliadas ao poder do diabo, estavam convencendo o povo de Deus de que as forças do bem e de Deus jamais superariam as forças do poder do mal.

Quando Zacarias removeu o véu imaginário, viu e revelou ao povo através da sua pregação, que o Senhor dos Exércitos capacitaria o Seu povo para vencer essas forças. De acordo com essa visão, Deus controla, limita e, de alguma forma, usa o mal para Sua glória e para o cumprimento dos Seus propósitos. Mesmo não havendo nada de bom a respeito do mal, Deus usa o mal para o bem do Seu

povo (cf. Isaías 45:7 e Romanos 8:28).

Sétima Visão:

Uma Mulher Sentada Sobre Um Efa (5:5-11)

O problema focalizado por Zacarias nessa visão foi a desonestidade nos negócios deste mundo. Quando Zacarias removeu o véu, revelou que essa desonestidade está controlada pelo Senhor dos Exércitos e por fim será contida por Ele.

Nem sempre podemos explicar a malignidade, ou como ela acontece, mas sabemos que Deus usa o mal para atingir os Seus propósitos e glorificar o Seu nome. Assim como um joalheiro usa um veludo preto para expor seus diamantes, Deus usa o mal como pano de fundo para expor ao mundo o Seu amor incondicional. Esse amor foi manifestado através do perdão e do livramento do cativo e ainda será manifestado com a salvação, através da qual, podemos voltar para Deus para que Ele volte para nós.

Oitava Visão: Os Quatro Carros (6:1-8)

A dificuldade focalizada por Zacarias na oitava visão, que alimentava a falta de esperança e os temores do povo de Deus, era a corrupção e a ausência de fé no governo humano. Hoje, em todo o mundo, há muita corrupção no meio político e por isso as pessoas, de modo geral, não confiam em seus governos, em seus líderes políticos.

O que Zacarias viu por trás do véu foi semelhan-

te à mensagem de Miquéias: que a forma perfeita de governo está no Reino de Deus. Até que venha o Rei dos reis e Senhor dos senhores, não haverá nenhum governo livre de algum tipo de corrupção. Entretanto, como nas duas visões anteriores, a mensagem é que Deus está no controle dessa circunstância. O Senhor dos Exércitos é Soberano. O governo do Reino de Deus é e será sempre bem estruturado, organizado e perfeitamente harmonioso.

As Profecias Messiânicas de Zacarias

Muitos líderes do povo de Deus não acreditaram nas profecias a respeito do Messias Libertador e com isso desanimaram aqueles que acreditaram. As profecias messiânicas de Zacarias mostraram que Deus, por fim, entronizará o Rei dos reis e Senhor dos senhores, que, no Seu reino milenar, concentrará em Si as funções de Profeta, Sacerdote e Rei.

Algumas profecias de Zacarias previram o Primeiro Advento do Messias: 3:8; 9:9-16; 11:11-13; 12:10; 13:1-6. Outras previram o Seu Segundo Advento: 6:12; 8:20-23; 14:1-9. Uma dessas referências é a profecia que fala do retorno espiritual dos judeus. Teólogos tradicionais acreditam que essa profecia já foi em parte cumprida no dia do Pentecostes e que será totalmente cumprida nos últimos dias (8:20-23).

CAPÍTULO 12

A Profecia de Malaquias

Temos presenciado inúmeros casos de líderes espirituais fracassados moral e espiritualmente. O livro do profeta Malaquias, último livro do Velho Testamento, tem uma mensagem para esses líderes. Oséias foi muito sábio em uma das observações que fez: *“Como é o povo, assim é o sacerdote”* (Oséias 4:9). É por isso que a queda de um líder espiritual tem efeito devastador sobre o povo de Deus, sobre Sua obra e confunde a Glória de Deus. Malaquias descreve os passos para a queda de um líder espiritual. O seu propósito é mostrar para aqueles que são líderes do povo de Deus como eles podem se prevenir contra esse processo mortal e como podem também restaurar os seus relacionamentos com Deus depois de caírem.

Malaquias surgiu no cenário profético depois de Ageu e Zacarias. Cerca de cem anos depois de Zacarias, e dez anos depois de Neemias. A situação que ele enfrentou era a mesma que Neemias tinha enfrentado: casamentos desastrosos em grande escala, imoralidade e corrupção entre os sacerdotes (Neemias 13:23-25). Malaquias juntou-se a outros profetas abordando esses problemas entre os sacerdotes e dirigiu grande parte de sua mensagem àqueles que eram pastores, líderes espirituais do povo de Judá.

Esse corajoso profeta acusou os sacerdotes de deixarem os caminhos de Deus, de não lhe obedecerem e de levarem muitos ao pecado através de seus conselhos que nada tinham a ver com os padrões de Deus. Conforme Malaquias, o comportamento desses sacerdotes era vergonhoso. Seus ministérios eram uma imitação grotesca do que deveria ser o ministério de um verdadeiro sacerdote (2:7-9).

Malaquias foi profeta numa época em que o povo de Deus possuía uma forma de religião vazia, sem um relacionamento verdadeiro com Deus. Espiritualmente eles eram frios e apáticos, e afligiam aqueles que eram profetas verdadeiros. A profecia de Malaquias serviu como um alerta para os líderes espirituais do povo de Judá, que poderiam ser comparados a vidas vazias ambulantes, corpos sem vida verdadeira.

O último profeta do Velho Testamento não pregou sobre suas visões, como fez Zacarias ou como Ageu, que desafiou o povo a construir o templo de Deus. Em Malaquias havia uma mensagem para que o povo tivesse um relacionamento verdadeiro de amor com Deus. Mas os sacerdotes e o povo de Judá não estavam interessados em conhecer nem amar a Deus. Assim como Oséias, o conceito de Malaquias era que o povo estava cometendo adultério espiritual com esse mundo, contra Deus.

Quando o Cristo vivo e ressurreto escreveu uma carta à primeira geração da igreja na cidade de Éfeso, Ele os repreendeu por terem “*deixado o seu primeiro amor*” (Apocalipse 2:4). O impedimento à realização da obra Deus, abordado por esse profeta, estava no fato do povo de Judá, e principalmente os sacerdotes, terem deixado o seu primeiro amor; terem desprezado seu relacionamento com Deus, e estarem vivendo em pecado.

Ele começa sua profecia com essas palavras: “Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel, por intermédio de Malaquias. Eu vos tenho amado, diz o Senhor” (1:1). Muitas pessoas acham que só o Novo Testamento, e principalmente o Sermão do Monte, fala sobre o amor de Deus. não esperam encontrar nada sobre o conceito do amor de Deus nos livros proféticos. O amor de Deus é, na verdade, o tema dos escritos proféticos dos Livros de Lamentações, Jeremias, Oséias, Jonas e Malaquias.

De acordo com esses homens de Deus do Velho Testamento, o povo de Deus era amado com um amor que não era conquistado através de bom comportamento e também não era perdido por causa de um desempenho reprovável. A mensagem da profecia de Malaquias foi sobre o amor de Deus pelos sacerdotes e pelo povo de Judá. Com sua mensagem, Malaquias se uniu a todos aqueles autores que anunciaram o amor incondicional de Deus pelo povo e o Seu desejo de ter um relaciona-

mento pessoal com cada criatura.

O povo estava se distanciando de Deus e vivendo em pecado. Por isso, Malaquias pregou aos sacerdotes e ao povo de Judá, anunciando que eles haviam ferido o coração amoroso de Deus. O propósito da mensagem de Malaquias era mostrar como os sacerdotes, e também o povo, agiam de maneira indiferente, apóstata e pecadora e como o seu relacionamento com Deus tinha se corrompido, mas poderia ser restaurado. O objetivo da profecia de Malaquias visava a um reavivamento nos corações dos sacerdotes, daqueles que eram responsáveis pelo pastorado do povo.

O Estilo Literário de Malaquias

Malaquias usou um estilo literário muito semelhante ao de Habacuque; tão estratégico quanto o dele. Se você é pai ou mãe e já tentou discutir com seu filho adolescente, vai se identificar com o estilo que Malaquias usou para comunicar a mensagem de Deus ao Seu povo. Assim como Habacuque, Malaquias usa um estilo de “fórum de debate”.

Ele recorre ao estilo acusatório, tentando mostrar aos sacerdotes e ao povo qual era o ponto de distanciamento entre eles e Deus. Para cada acusação ele formulava uma reação e, como um adolescente que confronta seus pais, dizia: “Quem? Eu?” ou, “Quando eu fiz isso?”. O profeta falava como

se o próprio Deus estivesse fazendo aquelas acusações e o povo, rejeitando as acusações, recusou reconhecer a que existia nessas acusações feitas pelo Pai do Céu através do profeta.

Temos sete exemplos dessas respostas arrogantes, dentro desse estilo de perguntas e resposta do livro de Malaquias. Um dos melhores professores da Bíblia que eu tive chamou esse estudo de “Os Sete Indícios de Um Coração que está se Afastando de Deus”.

CAPÍTULO 13

Os Sete Indícios de Um Coração Que Está Se Afastando de Deus

Primeiro Indício:

A Dúvida Quanto ao Amor de Deus (1:1-5)

Malaquias começa sua profecia com as palavras: “Sentença pronunciada pelo Senhor contra Israel, por intermédio de Malaquias. Eu vos tenho amado, diz o Senhor”. É nesse ponto que começa o “bate-boca” do povo: “Em que tens nos amado?”. Quando o povo dá essa resposta atravessada, Malaquias profetiza palavras que evidenciam o amor de Deus pelo Seu povo.

Todo relacionamento possui duas dimensões: dar e receber amor. Nessa circunstância, existe uma pergunta implícita: “Se você não está tão perto de

Deus como deveria estar, quem foi que saiu do lugar?” ou “Se o seu relacionamento com Deus não é hoje como era antes, quem foi que deixou de amar?”. Quando duvidamos do amor de Deus, é porque existe algo errado no nosso amor por Deus.

No Livro de Apocalipse vemos que aqueles que tinham sido os pastores do povo de Deus por mil anos são descritos como os vinte e quatro anciãos vestidos de branco, com coroas de ouro na cabeça e que estão ao redor de um grande trono nos céus. Além disso, cada um deles carrega uma harpa e taças de ouro cheias de incenso (Apocalipse 4:4; 5:8).

As vestes brancas dos anciãos representam a sua pureza moral e o fato de terem sido sempre corretos. Suas coroas de ouro simbolizam suas vitórias de fé; e seus cálices de ouro cheios de incenso são as orações do povo de Deus por eles. O fato de cada um deles portar harpas significa que são adoradores.

Malaquias está dirigindo sua profecia principalmente para os líderes espirituais corruptos, cujos corações se distanciaram de Deus. Ele está dizendo para cada um desses líderes que a sua apostasia teve início quando eles “começaram a perder suas harpas”. Quando líderes espirituais se distanciam de Deus os liderados sofrem as consequências. De acordo com Malaquias, líderes espirituais que não buscam a Deus individualmente, e deixam de se

consagrar, “levam suas harpas para lugares estranhos”, terminam perdendo tudo que Deus lhes deu. Existe um processo através do qual o povo se torna um bando de cadáveres espirituais. De acordo com Malaquias, esse processo mortal começa quando o líder espiritual dúvida do amor de Deus, deixa de buscar comunhão pessoal com Ele e de adorá-Lo. Isso, se aplica a todo crente e não apenas aos líderes espirituais.

Segundo Indício:

O Desprezo pelo Amor de Deus (1:6-2:4)

A segunda acusação que Deus faz através de Malaquias representa o segundo indício de um coração que está se afastando de Deus. Basicamente, esse segundo indício é quando o líder espiritual ou o crente despreza o nome de Deus. O povo mais uma vez não aceitou a acusação de Deus: “Em que desprezamos nós o Teu nome?”. E Deus respondeu: “Ofereceis sobre o meu altar pão imundo e ainda perguntais: Em que te havemos profanado? Nisto, que pensais: A mesa do Senhor é desprezível”.

Malaquias responde aos sacerdotes: *“quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal?”* (1:8). A palavra de Deus é direta quando diz através de Malaquias: *“Atirarei excremento ao vosso rosto, excremento dos vossos sacrifícios, e para junto deste sereis levados”* (2:3). E ainda exclama: *“Tomara houvesse entre vós quem fechasse as portas, para*

que não acendêsseis, debalde, o fogo do meu altar... não aceitarei da vossa mão a vossa oferta". (1:10).

O nome de Deus representa a essência de “Quem” e do “Que” Deus é. Um estudo minucioso dos nomes de Deus na Bíblia mostra a natureza e a essência de Deus. Nos Dez Mandamentos, o terceiro nos exorta a não se tomar o nome de Deus em vão (cf. Êxodo 20:7). Esse mandamento não se refere à profanação, mas ensina que nunca devemos usar o nome de Deus em adoração sem a referência de Quem e do Que Deus é. Quando Jesus instruiu os apóstolos a respeito de como orar, ensinou que logo após invocar a Deus como o “Pai nosso que está nos Céus”, devemos declarar a Sua Santidade: “Santificado seja O Teu Nome” (Mateus 6:9).

Quando o povo de Judá oferecia os sacrifícios sem valor a Deus e os sacerdotes os aceitavam, todos estavam demonstrando desprezo pelo nome de Deus. Era como se eles estivessem dizendo que Deus não merecia coisa melhor. As ofertas e sacrifícios e a maneira como administramos a obra de Deus revelam o nosso conceito sobre “Quem” e “o Que” Deus é e o que Ele merece de nós. De acordo com Malaquias, o segundo indício de um coração que está se afastando de Deus é o desprezo ao nome do Senhor.

Será que você se identifica com algum desses indícios? Você tem um relacionamento pessoal com

Deus? Uma relação de adoração e de amor com o Senhor? Será que em sua adoração você demonstra o seu amor a Deus e O exalta pelo que Ele é?

Terceiro Indício:

A Quebra do Compromisso com Deus (1:13)

Quando um líder espiritual ou um crente fiel deixa de demonstrar seu amor por Deus através da adoração, e suas atitudes começam a refletir um desprezo pela essência de Quem e do Que Deus é, o próximo indício de que essa pessoa está se distanciando de Deus é que ela começa a achar que a obra de Deus é pesada e difícil. Malaquias deixou implícita essa pergunta para os sacerdotes: “Vocês estão sobrecarregados ou pouco motivados?”. Ele estava desafiando os sacerdotes que murmuraram e reclamaram, alegando que a obra de Deus era difícil demais: “Será que a obra de Deus é difícil demais ou foram vocês que deixaram o primeiro amor; deixaram de amar a Deus de todo o seu coração?”.

Cabe aqui lembrar o ensino do livro do profeta Ageu, mas que se encontra em toda a Bíblia: “Deus em primeiro lugar”. Do Gênesis ao Apocalipse somos desafiados a colocar Deus em primeiro lugar em nossas vidas e a adorar somente a Ele. Quando um líder serve a Deus, mas está com seu coração dividido, logo ele começa a achar que fazer a obra de Deus é algo muito difícil. As pessoas mais

infelizes da face da terra são aquelas que servem a Deus sem um compromisso total com Ele. Procure por esse conceito na Bíblia: “Se Deus é alguma coisa para você, então Ele tem que ser tudo para você. Se Ele não for tudo em sua vida, então Ele não é nada”. Elias desafiou o povo de Deus no Monte Carmelo: *“Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o”* (I Reis 18:21). O próprio Cristo vivo e ressurreto, em sua carta à igreja de Laodiocéia fez o mesmo; lançou o mesmo tipo de desafio: “Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Apocalipse 3:15-16).

Tiago afirma que o homem de “ânimo dobre é inconstante em todos os seus caminhos” (cf. Tiago 1:8). Jesus também ensinou que a mente com um único objetivo ou uma única perspectiva conduz a uma vida cheia de alegria, enquanto uma perspectiva ou uma visão dupla conduz a uma vida de trevas (cf. Mateus 6:22,23). A Palavra de Deus é cheia de textos que exortam a não servir a Deus com o coração dividido.

O Perfil de Um Sacerdote (2:5-9)

Quando Malaquias, no capítulo 2, faz essas quatro acusações, ele também apresenta o perfil de um verdadeiro sacerdote de Deus. Na verdade, ele

usa as mesmas palavras que Moisés usou a respeito de Levi, o pai de todos os sacerdotes: *“A verdadeira instrução esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos”* (Malaquias 2:6; Deuteronômio 33:10).

Muitas igrejas usam essas mesmas palavras de Moisés e Malaquias inscritas em placas para homenagear seus pastores e deixar como exemplo e em memória para gerações futuras.

Este é o perfil do sacerdote delineado por Malaquias: *“os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos”* (7). Malaquias faz um paralelo desse modelo de sacerdote, com os sacerdotes apóstatas, corruptos e indiferentes, para quem ele dirige a quarta acusação e grande parte de sua profecia.

Quarto Indício:

O Rompimento do Compromisso do Casamento (2:10-16)

Os sacerdotes e os homens de Judá tinham quebrado o compromisso “vertical” firmado com o Deus Santo. Era, portanto, uma questão de tempo para que rompessem também o compromisso “horizontal” que tinham firmado com suas mulheres. Quando uma pessoa se afasta de Deus, quando o compromisso vertical, o compromisso com Deus,

é quebrado, conseqüentemente os compromissos horizontais começam a sofrer rupturas.

Malaquias passou a abordar o problema do divórcio. Ele se une a Neemias em sua preocupação com relação ao casamento e aos filhos (cf. Neemias 13:23-25). Ele lembra os sacerdotes e os homens de Judá que o casamento é o plano de Deus para que os filhos tenham uma vivência de aproximadamente 20 anos com os pais, até que saiam de casa para viver suas próprias vidas. É por isso que Deus odeia o divórcio (15).

Salomão afirmou que os pais são como um arco e que os filhos são como flechas. A maneira como os filhos ingressam na vida depende da força e da direção que receberam de seus pais. Se você fosse o diabo e soubesse que essa metáfora de Salomão retrata a verdade sobre a maneira como os filhos são criados e preparados para a vida, o que você faria? Provavelmente você tentaria quebrar a corda do arco. É exatamente isso que o diabo estava fazendo na época em que o último profeta do Velho Testamento estava pregando e ministrando para o povo de Judá. E parece óbvio que é exatamente isso o que ele faz hoje.

Lembre-se que Malaquias está descrevendo quais são os indícios de um coração que está se afastando de Deus. Ele está alertando o povo a respeito do rompimento do compromisso com Deus e com

outras pessoas. Ele mostra que esse afastamento foi gradual, até o ponto em que os sacerdotes passaram a tratar o divórcio como padrão normal de comportamento, uma vez que passaram a aceitar as ofertas de pessoas divorciadas. Malaquias deixou claro que as pessoas divorciadas cobriram o altar com lágrimas, enquanto reclamavam com Deus por ter retirado as bênçãos de sobre suas vidas. A seguir ele explica que Deus tinha retirado as bênçãos de sobre os homens de Judá porque eles não tinham sido corretos com suas mulheres ao se divorciarem delas. Elas tinham sido fiéis a eles quando eles eram jovens. Eles tinham feito uma aliança com Deus de que viveriam com elas, na felicidade ou na tristeza, até que a morte os separasse. De acordo com Malaquias, quebrar essa aliança ou acordo, era deslealdade.

Quinto Indício:

A Moralidade Relativa (2:17-3:7)

Para curar a dor da culpa e conseguir viver com a perda da integridade, os sacerdotes e o povo de Judá estabeleceram uma moral relativa. A “nova moralidade” ou “moral relativa” alinhavava a esquizofrenia espiritual causada pela culpa e dava àqueles judeus dobles um novo postulado moral que lhes garantia certo conforto e folga para viver dentro do seu estilo de vida, com valores pecaminosos.

Quando pensamos na moral absoluta da Lei de

Deus, que foi entregue a Moisés, fica fácil enquadrar essa “nova moral” ou “moral relativa” dentro de um padrão inaceitável. As pessoas acham que a ideia de moral relativa, ou essa ética amoral disseminada no nosso século, reflete algum tipo de evolução. Lendo os profetas, percebemos que quase todos, e dentre eles Malaquias, trataram do problema da moral relativa do povo.

Malaquias acusou os sacerdotes e o povo de dizer que o errado era certo; que o errado agradava a Deus e que Deus era indiferente à imoralidade; eles acreditavam que Deus não se importava com os padrões morais (2:17). Se ignorarmos a divisão de capítulos do livro de Malaquias, vamos perceber que ele usou um argumento duplo para refutar a moral relativa daqueles que estavam tentando aliviar a dor da culpa.

Primeiro Malaquias fez referência ao primeiro advento do Messias (3:1-6). A pergunta de Malaquias era: *“Mas quem poderá suportar o dia da Sua vinda? E quem poderá subsistir quando Ele aparecer? Porque Ele é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros. Assentar-se-á como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata; eles trarão ao Senhor justas ofertas. Então, a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos e como nos primeiros anos”* (3:2-5). A mensagem do Messias anunciaria que Deus não muda

e que sua posição em relação às questões morais é sempre a mesma (cf. 3:6).

Depois, no capítulo 4, a argumentação de Malaquias focaliza a vida do Messias, no Segundo Advento (4:1; 2; 3:18). Malaquias estava pregando uma das leis básicas e imutáveis de Deus, enfatizadas na Bíblia: que Deus não é indiferente à imoralidade e que, portanto, aquilo que plantarmos, também colheremos.

Sexto Indício: O Roubo a Deus (3:8-12)

Outro indício de que um coração está se afastando de Deus encontramos na acusação de Malaquias aos sacerdotes e ao povo, de que estavam roubando a Deus. Continuam as respostas malcriadas: “Em que te roubamos?”. E a resposta é essa: que roubavam a Deus sempre que retinham os dízimos e as ofertas.

Dízimo quer dizer décima parte. A importância do dízimo é que a primeira décima parte de tudo que o crente fiel recebe deve ser separada para Deus. A prática de separar o dízimo era a oportunidade para o fiel aprender e avaliar em que grau estava sendo praticado o princípio bíblico de colocar “Deus em primeiro lugar”, ensinado em toda a Bíblia. Quando o povo escolhido entrou na Terra Santa, todo o espólio da primeira cidade conquistada foi separado para Deus. Até o filho primogênito de cada família daquele povo era separado para Deus.

Além do dízimo, a Lei de Deus instruía os fiéis a contribuírem com ofertas e sacrifícios. Davi definiu o que seria sacrifício quando escreveu em II Samuel 24:24: *“Não oferecerei ao Senhor, meu Deus, holocaustos que não me custem nada”*. A importância da abordagem de Malaquias sobre o dízimo estava no ensino de que a primeira décima parte de tudo que o povo tinha ou recebia pertencia ao Senhor e retê-la significava estar roubando a Deus naquilo que Lhe pertencia.

Considere atentamente esses seis indícios na vida de uma pessoa que está se afastando de Deus e perceberá um distanciamento gradual em direção à apostasia. Segundo Malaquias, não havia mais entre o povo manifestação de amor a Deus; as atitudes não demonstravam mais interesse em Quem e no Que Deus é e o que Ele merece; o compromisso com Deus, o compromisso vertical tinha sido quebrado; e a quebra dos compromissos verticais foi seguida da quebra de compromissos horizontais, ou compromissos com outras pessoas. Malaquias abordou o sexto indício, a retenção de dízimos e ofertas, bem depois de haver pregado sobre os cinco primeiros, e dirigiu a palavra, principalmente, aos sacerdotes. Podemos então concluir que os sacerdotes poderiam estar se apropriando indevidamente dos dízimos e das ofertas.

Sétimo Indício:

A Incredulidade (3:13-15)

O sétimo indício de que um coração se distanciou de Deus é a incredulidade. Malaquias fala claramente desse assunto como porta voz de Deus, contra os sacerdotes e o povo e mais uma vez ouve uma resposta insolente: *“As vossas palavras foram duras para mim, diz o Senhor; mas vós dizeis: Que temos falado contra ti? Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos? Ora, pois nós reputamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, sim, eles tentam ao Senhor e escapam”*.

Apesar de os sacerdotes não agirem mais por fé, não podiam simplesmente deixar o ofício sacerdotal. Eles continuavam sendo sacerdotes. Mas, uma vez que a função do sacerdote era ensinar as Escrituras, o que eles iriam ensinar se não acreditavam mais nas Escrituras? De acordo com Malaquias, eles ensinavam: “Felizes os arrogantes!”

Se você está familiarizado com a Bíblia já sabe o quanto Deus odeia o orgulho e a arrogância. O orgulho é a mãe de todos os pecados. Por que então os sacerdotes estavam ensinando “felizes os arrogantes”? Segundo Malaquias, era porque eles tinham abandonado a fé.

Quando ouvimos alguém pregar o oposto do que

fala a Bíblia, não temos condições de avaliar como aquela pessoa chegou a tal ponto de apostasia e incredulidade. Para Malaquias, tudo começa quando ela dá ouvidos às vozes estranhas do seu coração. Como exemplo de vozes estranhas são todas aquelas reclamações e respostas arrogantes. Pode ser que se passem alguns anos até que todos esses indícios aconteçam na vida de uma pessoa e ela acabe se tornando incrédula e com o coração afastado de Deus.

Se você colocar um sapo dentro de uma panela cheia de água fervendo, o sapo vai pular para fora da água. Mas se você colocar o sapo na água fria e aumentar a temperatura gradualmente, o sapo vai acabar sendo cozido e morto. O processo descrito por Malaquias funciona assim, lentamente; mas o final são líderes espirituais corruptos, casamentos desastrosos em grande escala, moral relativa e incredulidade.

CAPÍTULO 14

Epílogo (Malaquias 3:16-4:4)

Um estudo cuidadoso da referência bíblica acima, mostrará que o sermão de Malaquias acabou no versículo quinze do capítulo três. O resto da profecia de Malaquias foi um epílogo que descreveu

a resposta a essa profecia tão importante para os crentes de corações duros que abandonaram o relacionamento com Deus, a fé e o relacionamento com outras pessoas tementes a Deus.

Em toda a profecia de Malaquias vimos a resposta de Deus a todas as respostas arrogantes atribuídas aos sacerdotes e ao povo de coração duro e distante de Deus. Nesse belo epílogo vemos a resposta cheia do amor de Deus para com Seu verdadeiro povo. Aqueles que temiam e amavam o Senhor confirmaram em seus corações a importante pregação de Malaquias. Eles representavam o povo de Deus que não tinha abandonado o seu primeiro amor ou que tinha se arrependido e retornado para o amor do Senhor através da pregação de Malaquias.

Lemos em Malaquias 3:16: *“Depois, aqueles que temiam o Senhor conversaram uns com os outros, e o Senhor os ouviu com atenção. Foi escrito um livro como memorial na sua presença acerca dos que temiam o Senhor e honravam o seu nome”.*

O objetivo da missão de Malaquias foi restaurar, através do reavivamento espiritual, a relação de amor que Deus queria ter com Seu povo. As palavras finais do Livro de Malaquias mostram que ele conseguiu atingir o seu objetivo, pois falam de um reavivamento.

O epílogo também registra uma linda resposta de

Deus à argumentação dos verdadeiros sacerdotes e do povo de Deus. Malaquias apresenta a Segunda Vinda de Cristo, quando o Sol brilhará trazendo cura para o fiel, mas julgamento para os de coração endurecido, que são o público-alvo dessa profecia. Malaquias anuncia que todos verão como Deus reage em relação à moral relativa.

A Última Profecia (4:5,6)

Malaquias conclui sua profecia falando sobre o profeta semelhante a Elias que precederia e apresentaria Jesus Cristo. Jesus declarou que João Batista foi esse profeta (cf. Mateus 11:7-14). Mas antes que as pessoas comesçassem a achar que João era a reencarnação de Elias, o próprio João Batista negou veementemente essa possibilidade (cf. João 1:21).

Malaquias poderia até ter finalizado sua profecia com as seguintes palavras: “vejam os próximos capítulos daqui a 400 anos!”. Porque depois de 400 anos de silêncio, sem qualquer manifestação profética ou palavra da parte de Deus, João Batista apareceu pregando no mesmo espírito e com a mesma força de Elias. Os sacerdotes, líderes espirituais, e o povo passavam horas ouvindo o maior de todos os profetas.

Quando Jesus pregou, esses mesmos líderes religiosos passaram horas ouvindo o Messias. Alguns tentaram apedrejá-Lo, mas alguém gritou: “Encontramos o Messias!”. Alguns creram nEle e O segui-

ram e se tornaram Seus apóstolos.

Foi muito bom estudar o Velho Testamento com você. Finalizo agora deixando dois desafios. Primeiro: o que você vai fazer com tudo o que aprendeu? Você jogaria pedras no Messias ou O seguiria? Segundo: você vai continuar estudando o Livro Santo conosco, agora que vamos iniciar o estudo do Novo Testamento? Faça isso e será abençoado.